
MINIS/ÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros



Como alcançar mentes secularizadas – I

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

Jesus, a essência da vida

Em meu trabalho pastoral e evangelístico, sempre tive o cuidado de oferecer ao povo um resumo das crenças adventistas. Semelhante material apareceu num pequeno cartão oferecido por um hospital, sob o título “Jesus a essência da vida”. Apreciei bastante esse enfoque cristocêntrico, e o adaptei para meu uso particular. Ele nos dá uma visão da fé alicerçada no relacionamento com o Salvador.

Palavra de Jesus é a Bíblia, dada por Deus aos profetas através da divina revelação e inspiração. A infalível revelação da vontade amorável de Jesus para com a humanidade está relatada nas Escrituras. Elas contêm o conhecimento necessário para a salvação.

A encarnação de Jesus foi o ato de Deus tornar-Se humano. Jesus o Filho, o Pai e o Espírito Santo são uma unidade de três pessoas coexistentes. Jesus, nascido de uma virgem, é o Criador e Redentor.

A morte voluntária de Jesus sobre a cruz foi o sacrifício vicário por nossos pecados. De acordo com o evangelho, ao aceitarmos pela fé a vida de perfeita obediência e a morte substituta de Jesus, somos contados como justos diante do Senhor, independentemente de qualquer boa obra.

A ressurreição de Jesus prova que Ele venceu o poder de Satanás e o poder da morte. É a segurança de que Seu povo será ressuscitado, por ocasião de Sua vinda, para viver com Ele eternamente. Então, nossa natureza mortal receberá de Deus a imortalidade e vida eterna.

A mediação de Jesus no santuário celestial é uma intercessão em favor da raça humana. Entronizado à direita do Pai, realiza agora Seu trabalho de mediador e também de julgamento, vindicando a justiça de Deus e Seu povo diante do Universo.

O caráter de Jesus é a revelação da amorável natureza de Deus. A percepção de Seu caráter foi distorcida por Satanás, resultando numa controvérsia que produziu pecado e intenso sofrimento. É propósito do plano da salvação desmascarar o enganador e restaurar o verdadeiro reconhecimento do incomensurável amor e da compaixão de Cristo.

A vida de Jesus é manifestada hoje em Seu povo através do Espírito Santo. Ele é o representante de Cristo na Terra, o agente do novo nascimento, e quem torna vitoriosos os filhos de Deus. Por Seu poder, eles ordenam seu comportamento sobre a base de princípios bíblicos, tornando-se Seus mordomos. O Espírito distribui dons à Igreja, inclusive o dom de profecia.

A obediência de Jesus à Lei de Deus revelou uma vida perfeita, sem pecado. Essa vida Ele nos oferece pela fé. Sua obediência é um exemplo a ser imitado por Seus seguidores, em resposta de gratidão pelo que Deus tem feito por eles.

O dia de Jesus é o sábado semanal. De Si mesmo afirmou ser o Senhor desse dia, e fielmente o observou. Instituído na Criação, o sábado é um memorial de Seu poder criador, é um símbolo de nossa redenção em Cristo, um sinal de nossa santificação, marca de lealdade, e prenúncio de nosso repouso eterno no reino de Deus.

A Igreja de Jesus é composta de todos os que O confessam como Salvador e Senhor. Nos últimos dias, Deus tem suscitado dentre a comunidade cristã um remanescente que guarda os mandamentos de Deus e tem a fé de Jesus. Esse grupo tem a responsabilidade de convidar e advertir todos os povos a fim de que estejam preparados para a segunda vinda do Senhor.

A volta de Jesus é certa. A proclamação profética da Bíblia indica que estamos vivendo nos últimos dias e que o dia de Seu retorno está se aproximando rapidamente. Sua vinda será pessoal, literal, física e visível. Dará início a uma série de eventos cujo clímax será a destruição das forças do mal, incluindo o próprio Satanás, a restauração do planeta Terra e o estabelecimento do Seu eterno reino de paz. – James A. Cress.

MINISTÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obrigos

Ano 68 – Número 03 – Mai/Jun. 1997 – Periódico Bimestral
Uma Publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

2 JESUS, A ESSÊNCIA DA VIDA
James A. Cress

ENTREVISTA

4 O PASTOR E O ESTRESSE
Dr. Irineu César Silveira dos Reis

ARTIGOS

8 SOLIDARIEDADE E DIVERSIDADE
Warren C. Trenchard

11 COMO ALCANÇAR MENTES SECULARIZADAS – I
Amin Américo Rodor

19 NÃO HÁ DEMORA
Mário Veloso

22 FOCALIZANDO A BÍBLIA
Zinaldo A. Santos

PASTOR

24 PRIORIDADES MINISTERIAIS
Daniel Sosa

AFAM

29 CRISTO E AS MULHERES
Jean Cazeaux

32 BIBLIOTECA DO PASTOR

Diretor Geral: Wilson Sarli; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Zinaldo A. Santos; **Revisoras:** Ildete Silva e Mercedes Campos; **Editor de Arte:** Wilson Almeida; **Diagramação:** André Rodrigues; **Colaboradores Especiais:** Alejandro Bullón; José M. Viana; **Colaboradores:** Antônio Moreira; Mário Valente; Jefé Carvalho; Izéas Cardoso; **Capa:** William.

Visite o nosso site em: <http://www.cpb.com.br> E-mail: Serviço de Atendimento Direto: saa@cpb.com.br
Redação: redação@cpb.com.br

Todo artigo ou correspondência para a Revista **MINISTÉRIO** deve ser enviado para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 – 70279-970 – Brasília, DF.

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA – EDITORA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA
Rodovia SP 127 – km 106 – 18270-000 – Tatuí, SP.

4197

O pastor e o estresse



Dr. Irineu César Silveira dos Reis

Correria não é sinônimo de eficiência. Sobrecarga de trabalho não significa fidelidade no aproveitamento do tempo, nem prontidão para se fazer tudo quanto vier às mãos. Dizer “sim” a todos, para todas as coisas, toda hora, também não quer

dizer necessariamente que um pastor seja diligente no atendimento aos membros de sua congregação. Evidentemente, espera-se que um pastor empreenda seu melhor esforço no cuidado do rebanho que lhe foi confiado, e pelo qual é responsável diante de Deus. No entanto, o Senhor deseja usá-lo saudável, mesmo porque, também nesse aspecto, ele deve ser um exemplo para as pessoas às quais ministra.

Muitos parecem não ter consciência de seus limites e da necessidade de dosar energias. Submetem-se a um ritmo de trabalho verdadeiramente massacrante. Acabam estressados, diminuindo a eficiência com que poderiam continuar servindo a Deus e à Sua causa. Nesta entrevista, o Dr. Irineu César Silveira dos Reis, médico psiquiatra adventista, de São Paulo, alerta contra os perigos que rondam o pastor e como ele poderá superar o estresse. O diálogo foi mantido durante o I Congresso Brasileiro Adventista de

Saúde, realizado no IAE, campus de São Paulo, ocasião em que também o Dr. Irineu fez o lançamento de seu livro *Seqüestro e Stress*.

MINISTÉRIO: *Estresse, esgotamento e depressão são a mesma coisa?*

DR. IRINEU: Não. No estresse você tem sempre um quadro geral. Uma pessoa estressada poderá manifestar isso através da depressão, um quadro de perturbação grave da ansiedade. Já o esgotamento é uma situação qualquer, na qual houve um tipo de excesso, quer em trabalho físico ou mental, mas que não significa necessariamente sinônimo de estresse.

MINISTÉRIO: *Podemos considerar o estresse algo normal?*

DR. IRINEU: Sim. Veja bem, todos nós necessitamos dele para atingir os alvos propostos. Um estudante, por exemplo, na fase de provas e exames tem estresse, o que é necessário para que ele possa produzir mais. O estresse possui um elemento não só estimulante, como revitalizador. Agora, ele passa a ser anômalo, quando o indivíduo, até por causa da sua personalidade, começa a se mostrar perfeccionista e inseguro, exagerando nas ho-

ras gastas em estudo ou trabalho. Nesse ponto, o estresse passou a ser maléfico.

MINISTÉRIO: *Como se desenvolve o estresse?*

DR. IRINEU: O processo de estresse passa por dois momentos. Tudo o que nos acontece, num primeiro momento, vai ao cérebro que faz a seleção do que está recebendo. Entre as informações que chegam, existem aquelas que são ameaçadoras, aquelas que causam medo e as que causam apreensão, ou preocupação excessiva. Medo é uma situação real; temor é algo que você imagina que vai acontecer. Então, o cérebro envia tudo isso, pelo hipotálamo, à neuro-hipófise, e manda uma ordem à tireóide. Nesse ponto, o indivíduo adquire uma propensão de ganhar ou perder peso. Em seguida, vai outra ordem para a glândula supra-renal, que lança no sangue dois hormônios: epinefrina e norepinefrina, que têm a função de manter a pessoa alerta. Quando o cérebro detecta o aumento desses dois hormônios, repassa a informação para o sistema nervoso periférico, podendo agir de duas formas: tornando-se um acelerador (simpático) ou um controlador (parassimpático). No primeiro caso, observa-se aumento de pressão arterial, dilatação de pupila, secura na boca, aceleração dos batimentos cardíacos, paralisia de todo o sistema digestivo e acúmulo do sangue nos músculos, gerando palidez. Tudo isso é uma tentativa de preparar a pessoa para lutar ou fugir. No segundo caso, os sintomas são água na boca, diminuição da pupila, queda de pressão arterial, batimentos cardíacos lentos, diarreia; enfim, os pensamentos acelerados no primeiro caso, aqui são bloqueados, o indivíduo fica meio pateta. Algumas pessoas tendem mais acentuadamente para o simpático, e outras em direção ao parassimpático. É nesse contexto que o estresse tem lugar.

MINISTÉRIO: *Falando mais especificamente, quais as características de uma pessoa estressada?*

DR. IRINEU: O estressado, em termos gerais, é um indivíduo com um exagerado senso de urgência. Em segundo lugar, ele é muito intolerante, porque tem a agressividade à flor da pele, é facilmente irritável e explosivo. É também uma pessoa extremamente ansiosa. Costuma antecipar conclusões em meio a um diálogo com outras pessoas, respondendo pelo interlocutor, ou cortando-

lhe a palavra, dando a impressão de que já sabe o que ele pensa. O estressado é um indivíduo de monólogo, não é uma pessoa de diálogo. Ele mesmo fala, ele mesmo responde, ele mesmo propõe, aprova, desaprova, e por aí vai. Essas são as características mais gritantes, mas há uma outra coisa: o estressado não é um indivíduo produtivo. Todo o barulho que ele faz, não representa aumento de produtividade. Lá um dia, ele se dá conta que as coisas não estão funcionando, e resolve tomar providências. Mas aí, nervoso, grita com um e com outro, vendendo sua desorganização para o ambiente. Costumo dizer que o estressado é mais contagioso que o aitéico. Ele perdeu o senso de limites.

MINISTÉRIO: *Existem profissões mais predispostas ao estresse, ou isso é uma coisa mais individualizada?*

DR. IRINEU: As duas coisas. E há indivíduos propensos ao estresse que escolhem profissões também exigentes, onde são colocados em situações igualmente estressantes.

MINISTÉRIO: *Em que nível de predisposição para o estresse o senhor vê o trabalho pastoral?*

DR. IRINEU: Veja bem, se um indivíduo ingressou no ministério tendo uma ótica inteiramente cristã, dentro da qual, ele se vê ardentemente desejoso de evangelizar, dificilmente a carreira pastoral, para esse indivíduo, trará dificuldades quanto à realização. Agora, suponhamos que outro indivíduo seja um tímido, tenha dificuldades para estabelecer contatos com o público, realizar palestras, e seja colocado nessa função. Esse é o homem errado para o lugar errado; tem tudo para viver estressado. Ele vai ter que executar algo, dentro de sua atividade profissional, que simplesmente não faz o seu gênero. Poderia até realizar trabalhos burocráticos, mas não deve estar na linha de frente. O bom pastor é como um excelente vendedor. Seu produto é o evangelho, e ele deve saber vendê-lo.

MINISTÉRIO: *Obviamente, a liderança da Igreja deve ser sábia ao escolher pastores para as diversas funções requeridas.*

DR. IRINEU: Se é pastor, deve saber pregar, relacionar-se com o povo. Outras exigências feitas e que não estejam de acordo com os dons que um pastor recebeu, e ele não tem todos os dons, certamente vão aten-

tar contra a sua saúde. O fato de que ele tenha escolhido a carreira pastoral não nos dá o direito de esperar que ele faça tudo. Não é porque ele é pastor que deve ser construtor, por exemplo. Acho que nossa Organização precisa avaliar mais o perfil de um pastor, e adaptar dentro desse perfil as pessoas mais vocacionadas. Não é correto transferir de uma função para outra um indivíduo, somente com base na sua produtividade anterior. Muitas vezes, nesse momento, nessa transferência, acabamos com ele. É bíblico: cada um deve permanecer na vocação para a qual foi chamado. No esforço de apresentar a mesma produtividade, mas colocado numa função para a qual ele não é vocacionado, o pastor vai sucumbir ao estresse.

MINISTÉRIO: *Que providências o pastor poderia tomar, individualmente, para não viver estressado?*

DR. IRINEU: A primeira coisa que o pastor deve fazer é colocar em prática a “teoria de Jetro”. Você conhece a situação em que Moisés estava. À frente do povo israelita, Moisés tomara sobre si a responsabilidade de resolver todo tipo de problema, sem falar na oposição que alguns lhe faziam pelas costas. Se duas pessoas brigavam, procuravam a Moisés. Se uma cabra sumisse, ou a mula ficasse manca, Moisés era chamado para tomar providência. Todos os problemas passavam por ele. Então, Jetro, seu sogro, aconselhou-o a buscar colaboradores e delegar responsabilidades. Isso o pastor precisa fazer. E mais: precisa também aprender a dizer *não*. Por zelo, senso de responsabilidade, nossos pastores são extremamente receptivos a tudo. Mas há momentos em que precisam dizer *não*. Às vezes é um telefonema fora de hora, um chamado que obriga inclusive a desmarcar compromissos com a família, gente que chega querendo hospedagem em sua casa, e o pastor sempre tentando dizer *sim* a tudo isso. Ele tem todo o direito de dizer *não*, em determinados momentos. É verdade que há situações urgentes que requerem a presença do pastor. Mas existe muita coisa sem importância para a qual ele é chamado. Há pessoas que são realmente inconvenientes no trato com o pastor. A essas ele tem de dizer *não*.

MINISTÉRIO: *Como o senhor vê a família do pastor nesse contexto?*

DR. IRINEU: O pastor não pode abandonar sua família, com o argumento de que está empenhado na salvação de outras pessoas. Muitos, enquanto estão atarefados correndo de um lado para outro, buscando salvar indivíduos, perdem os filhos, a esposa, a família enfim. Muitos filhos de pastores não demonstram simpatia pela carreira pastoral, e isso nem é o mais importante. Afinal, um filho de médico não é obrigado a ser médico, nem o filho do engenheiro tem de ser engenheiro. O problema maior é o filho de pastor não querer ser cristão, decepcionado porque não recebeu o que esperava receber do pai pastor. A esposa do pastor, por sua vez, enfrenta dois problemas: primeiro, ela é colocada como um exemplo para a congregação, sendo criticada se fizer algo, e se não o fizer também. O segundo problema, não raro, está ligado à questão financeira limitada, que às vezes faz com que ela tenha de trabalhar fora, criando situações nas quais ela se sente pressionada até pelo próprio marido.

MINISTÉRIO: *O fato de algum pastor enfrentar certo grau de depressão no trabalho, necessariamente indica que ele não é um vocacionado?*

DR. IRINEU: Absolutamente errado. O pastor não é um homem acima de tudo e de todos. Ele também tem limites. A Igreja deve estar consciente disso e ajudá-lo a se encontrar nessa questão. Aliás, os membros também apreciam saber que o pastor é um ser humano, e, tal como eles, dependente da ajuda de Deus na superação dos seus problemas. Entre outras razões pelas quais Cristo é nosso modelo e Salvador, é porque “foi homem de dores e sabe o que é padecer”. Trilhou nosso caminho, calçou nossos sapatos. Quem duvida da capacidade de liderança de Jesus? Quem O julga um fraco? No entanto, chorou diante da impenitência de Jerusalém. Suou gotas de sangue no Getsêmani, e levou até o fim Sua missão vitoriosa.

MINISTÉRIO: *Alguns pastores dão a impressão de que se não estiverem envolvidos nessa corrida desenfreada, não estão fazendo o seu melhor para Deus e Sua Causa.*

DR. IRINEU: Aí está outro grande erro. Muitas pessoas, quando entram em processo de estresse, acreditam que somente quando se encontram nessa situação é que realmente

estão produzindo para Deus. É um erro. Uma pessoa está produzindo o melhor para Deus e Sua Igreja, quando a influência de sua vida é santificadora. E isso pode vir através da paciência, tolerância, calma, e do próprio silêncio. Nem sempre vem do barulho ou do burburinho. Lembra-se daquela experiência da manifestação divina a Elias? Primeiro, passou um vento, mas Deus não estava ali. Vieram, então, outras manifestações que chamavam a atenção, mas Deus também não Se encontrava nelas. Finalmente, no silêncio, o profeta ouviu a Sua voz, suave e tranqüila.

MINISTÉRIO: *O que o senhor diria àquelas pessoas que, talvez bem-intencionadas, associam situações de estresse à falta de fé?*

DR. IRINEU: Em primeiro lugar, quando afirmamos que alguém está enfrentando problemas por causa da falta de fé, estamos fazendo uma coisa que Deus não autorizou fazer: julgar. Depois, essa afirmação não ajuda em nada, no sentido de aliviar o sofrimento de alguém. Pelo contrário, aumenta a carga. Uma pessoa que já está triste, sofrendo, angustiada, desanimada, não precisa ouvir que não tem fé. Precisa de ajuda, uma palavra de conforto e ânimo. Se o pastor, ou qualquer outro conselheiro, não pode dizer nada, pelo menos se torne um bom ouvinte, faça uma oração. Deixe lhe dizer mais uma coisa: o que a humanidade mais busca, hoje, é atenção. A única coisa que não perdamos em outras pessoas, é a desatenção. Essa atenção não tem de ser, necessariamente, uma atitude intervencionista. Um olhar, a mão no ombro, uma lágrima ou qualquer outra demonstração silenciosa de solidariedade são suficientes. O problema em relação ao qual é preciso vigilância é que, quanto mais estressado o pastor estiver, mais intervencionista ele será.

MINISTÉRIO: *Até onde vai a extensão do prejuízo causado pelo estresse, no pastor?*

DR. IRINEU: Isso vai muitíssimo longe. Há pastores que se tornam psicóticos, porque viveram fora daquilo que desejaram intimamente. Já tratei de uma pessoa que foi colocada a fazer conferências, mas que tinha uma dificuldade imensa em expor suas idéias. No entanto, executava muito bem outras tarefas burocráticas. Então, uma

pessoa assim não poderia jamais ter uma atividade que a obrigasse a ter contato direto com o público. Resultado, essa pessoa lutou tanto com o seu eu, vivendo um conflito entre o que era e o que tinha de fazer, que ficou profundamente lesionada em sua estabilidade mental. Olha, o estresse pode levar ao suicídio.

MINISTÉRIO: *Como médico psiquiatra, membro ativo da igreja, que necessidade o senhor classificaria como a maior do ministério adventista, hoje?*

DR. IRINEU: O pastor precisa estar preparado para enfrentar as exigências do mundo atual. Há muitos pastores preocupados com superficialidades, e a igreja está esperando uma resposta por parte deles, para problemas de natureza explosiva. Há indivíduos que estão se debatendo com intensos conflitos emocionais, problemas graves de saúde, contradições familiares, frustrações profissionais. Eles necessitam de pastores que apontem uma direção segura. E, para isso, o pastor também deve estar emocionalmente equilibrado e espiritualmente amadurecido. Essa experiência é resultado da comunhão diária com Cristo, absolutamente prioritária na vida de um pastor, e das situações que ele já vivenciou.

MINISTÉRIO: *O senhor vê a mensagem da justificação pela fé como a solução para o estresse?*

DR. IRINEU: Olha, vou ilustrar isso da seguinte maneira: se um homossexual vem ao meu consultório contar sua história, eu vou ouvi-lo, e vou dizer que, se ele me procurou para ajudá-lo a mudar de vida, pode contar comigo. Se for apenas para que eu o ajude a apagar sua consciência culpada, pode sair. O falatório sobre a justificação pela fé, muitas vezes serve apenas como paliativo para indivíduos que temem enfrentar situações e tomar a decisão de mudar. Cristo tem solução para tudo, mas precisa contar com a vontade. Se não exercermos nossa vontade no sentido de aceitar o que Ele nos oferece, não receberemos nada. Se os pastores insistem num tipo de vida agitado, sem limites, desregrado, estão transgredindo as leis da saúde, e colherão os frutos disso. A primeira coisa de que precisam, nesse caso, é querer mudar. Cristo está sempre pronto a ajudar a vontade firme e sincera.

Solidariedade e diversidade

Uma visão diferente da Santa Ceia

WARREN C. TRENCHARD

Assistente do presidente da Universidade

La Sierra, Califórnia, EUA

As pessoas podem lhe atribuir diferentes níveis de importância. Podem chamá-la por diferentes nomes: missa, eucaristia, comunhão, Ceia do Senhor. Pode ser praticada com diferentes frequências: diária, semanal, trimestral ou anual. Entretanto, o encontro final de Jesus e a refeição com os discípulos antes de Sua morte podem ser considerados como a prática mais universal entre os cristãos, em todos os períodos da história, embora com diversos modos de celebração.

A primeira constatação sobre a Ceia do Senhor é que ela é um símbolo. Ou melhor, trata-se de um conjunto de símbolos. Apesar de envolver alimentos de verdade, ninguém dela participa para matar a fome ou ser alimentado. As espécies de alimentos são muito limitadas e a quantidade muito pequena.

Símbolos

A natureza simbólica da Santa Ceia tem suas primeiras raízes na refeição pascal dos judeus – o evento que comemorava a saída de Israel do Egito. Embora a refeição como um todo e seu acompanhamento litúrgico se constituam num símbolo da libertação dos judeus, incluindo a esperança de liberdade em relação a seus opressores contemporâneos e futuros, cada elemento individualmente também tinha seu sentido. Isso valia para os pães sem fermento, o vinho e as ervas amargas, cujo significado estava mais relacionado com a experiência do êxodo. De acordo com os evangelhos sinópticos (Mateus, Marcos e Lucas), Jesus e os discípulos participaram de uma refeição pascal na noite que antecedeu a Sua morte.¹

Dessa celebração pascal vem o segundo fundamento simbólico para a Ceia do Senhor. Durante o cerimonial, Jesus abençoou um pão, partiu-o e distribuiu aos Seus amigos, declarando: “Tomai, isto é o Meu corpo” (Mat. 14:22). Depois abençoou um dos cálices de vinho e passou para que os demais bebessem dele, anunciando: “Isto é o Meu sangue, o sangue da aliança, derramado em favor de muitos” (v. 24). Paulo, que fez o relato mais antigo sobre essa prática, citou as palavras de Jesus: “Fazei isto em memória de Mim” (I Cor. 11:24 a 26). Em outras palavras, Jesus incentivou Seus seguidores a celebrá-Lo através dessa comemoração periódica. Portanto, para os cristãos, a Ceia tornou-se um símbolo da morte de Jesus, a qual possibilitou a salvação humana. O pão corresponde a Seu corpo moído; e o vinho ao Seu sangue vertido.

A Ceia do Senhor não somente relembra aos fiéis a morte de Jesus como também contém a promessa de Sua segunda vinda. Depois de citar as palavras de Jesus acerca da Ceia, Paulo adicionou suas próprias considerações sobre sua importância, ao declarar: “Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que Ele venha.” (V. 26). Os sinópticos refletem essa ênfase na segunda vinda quando anotam que Jesus prometeu não beber outra vez do fruto da videira até que o faça novamente no reino de Deus.²

A interpretação que Jesus fez dos elementos não contraria o significado que tinha em relação à páscoa – libertação. Para Seus seguidores Ele simplesmente restringiu o simbolismo à libertação espiritual, e não à come-

moração de um acontecimento histórico. Os fiéis a Jesus, portanto, celebram a Ceia, nesse intervalo, olhando para o passado e também para o futuro. Não para o êxodo judeu nem para uma futura libertação política, mas para a morte salvífica de Jesus, no passado, e para Seu retorno transformador, no futuro. Ao participarmos dessa mesa, simbolicamente estamos ingerindo a Cristo, crendo que Ele nos salvou pela Sua morte sacrificial e que voltará para nos dar a imortalidade.

Apesar de ser esse o sentido básico da Santa Ceia, ainda não é tudo. O Novo Testamento contém referências adicionais e alusões à Ceia, que denotam outros importantes significados. Uma dessas, na qual vamos nos concentrar, é I Cor. 10:16 e 17.³

Novo enfoque

Como se viu até agora, a maior parte dos relatos focalizam a Santa Ceia em termos de ensinamentos a respeito de Cristo, salvação e eventos finais. Aqui, entretanto, Paulo escreve sobre a Ceia a partir de uma perspectiva diferente. Ele a descreve como um símbolo de *solidariedade e diversidade*.

A idéia de solidariedade ou comunidade surge naturalmente do ato de comer com os outros. Em todos os tempos, as pessoas têm utilizado as refeições como ocasiões para negócios, para solidificar amizades, celebrar vitórias e comemorar eventos familiares. Numa simples refeição podemos demonstrar solidariedade partilhando a mesma mesa, o mesmo alimento.

Essa relação entre comida e solidariedade, bem como o papel específico da Ceia do Senhor, é fundamental nesse pequeno trecho de I Coríntios que contém os versos que estamos agora estudando. Em termos gerais, os capítulos 8 a 10 tratam da liberdade cristã e, num caso mais específico, da questão relacionada com o comer alimentos que tinham sido oferecidos aos ídolos. Essa particular referência à Santa Ceia está inserida numa pequena unidade, I Cor. 10:14 a 22, na qual Paulo exorta seus leitores a não participar de festividades idólatras. Ele se refere a sua experiência com

a Ceia do Senhor no meio dos argumentos pela abstinência quanto a esses festivais pagãos. Depois de exortar seus leitores a fugir da idolatria (v. 14), sua lógica no verso 16 sugere que o ato de comer ou beber ritual estabelece uma solidariedade entre a Divindade e

o adorador. Logo, não é possível que uma pessoa possa participar tanto da Santa Ceia como de cerimônias pagãs dirigidas aos ídolos. A mesma pessoa não pode ser solidá-

ria com Jesus e com um deus pagão.

Essa compreensão da Santa Ceia não parece ter tanto significado para o cristão moderno. Comer alimentos que foram oferecidos num culto idólatra ou participar de banquetes pagãos não é uma das tentações mais importantes de nossos dias! Apesar disso, as reflexões de Paulo acerca da Ceia nesses versos contêm algumas implicações que não dependem de tempo ou circunstância e afetam a todos os cristãos, inclusive os adventistas do sétimo dia.

No verso 17, por exemplo, Paulo faz uso de determinado aspecto da Santa Ceia para destacar a idéia da solidariedade cristã. Todos os relatos sobre a Ceia, incluindo este que estamos considerando, se referem ao fato de Jesus ter tomado *um* pedaço ou *um* pão e *um* cálice de vinho. Ele parte o pão em pequenos pedaços e os distribui. Da mesma forma, passa o cálice para que cada um tome um gole. Assim, só *um* pão e só *um* cálice servem a todo um grupo com vários membros. Nesse ponto, Paulo enfatiza que ao participar do mesmo pão e do mesmo cálice os cristãos participam do sangue e do corpo de Cristo.⁴ Isso o leva a concluir que pelo fato de comer de um só pão os mais diversos cristãos demonstram que formam, de fato, um só corpo. Em outras palavras, o grupo é solidário.

A primeira vista, parece que Paulo está descrevendo os cristãos em termos de unidade – muitos vivem de fato em unidade. Esse é certamente um tema importante do Novo Testamento.⁵ Entretanto, aqui ele não está falando de solidariedade como unidade dentro de um grupo, mas como solidariedade do grupo e de todos os seus membros em relação ao corpo de Cristo, ao pão único. Ele está dizendo que

O Novo Testamento contém referências à Santa Ceia, que denotam outros importantes significados, além da lembrança da morte e da promessa da vinda de Jesus.

quando os cristãos, com toda a sua diversidade, participam do pão, unem-se em solidariedade com Cristo formando um só corpo. Infelizmente ele não prossegue expo-

lando as conseqüências teológicas dessa conclusão. A idéia geral ilustra sua posição de que o participar de um ritual religioso, como uma festa pagã, coloca a pessoa em sintonia com o que esse ritual representa.

Unidos em Cristo

No verso 17, Paulo destaca: "porque nós, embora muitos..." Essa é uma maneira de dizer que a Igreja não é uniforme. Ele reflete a mesma idéia em I Cor. 1:12 a 14, onde reconhece que alguns membros se identificavam com uns líderes cristãos, e determinados grupos se identificavam com outros; entre eles, Apolo, Pedro e o próprio Paulo. No capítulo 12, ele descreve a variedade de dons encontrada entre os fiéis em comparação com a variedade das diferentes partes do corpo humano.

Entretanto, Paulo não está apenas querendo mostrar que os cristãos são diferentes entre si. Sua referência à diversidade, no texto que estamos considerando, tem o objetivo de introduzir o que realmente interessa – a solidariedade, a comunidade. Mesmo sendo muitos e tão diferentes entre si, os cristãos podem e devem ser unidos pela solidariedade de uns em relação aos outros, e pelos traços comuns que os ligam a Cristo. De acordo com Paulo, isso está simbolizado na Ceia do Senhor. O fato de todos beberem de um mesmo cálice significa que todos partilham igualmente de Jesus. O comer do mesmo pão representa a mesma coisa, pois todos partilham da mesma substância.

Claro que não é o mero participar da Santa Ceia que nos une como cristãos. A Ceia é o símbolo dessa solidariedade, presente no fato de todos estarmos ligados a Jesus Cristo que é o Pão da Vida. Isso tem a ver com nossa comum confissão de que Ele é o Senhor de nossa vida e de nossa Igreja. Tem a ver também com o objetivo que é o de todos nós: ir a Ele para conseguir o perdão e a certeza de tê-lo conseguido. Tem ainda rela-

Mesmo sendo diferentes entre si, os cristãos podem e devem ser unidos pela solidariedade de uns em relação aos outros, e pelos traços comuns que os ligam a Cristo

ção com nossa crença de que Ele está ministrando atualmente em nosso favor e voltará em breve em triunfo. E, finalmente, a solidariedade se deve também à dis-

posição de todos nós para partilhar essas coisas com as demais pessoas.

Em última análise, nossa solidariedade se deve à total confiança em Jesus Cristo. Somos todos diferentes e vamos permanecer assim. Mas dentro dessa diversidade ainda somos unidos em Cristo. Essa é uma das importantes implicações da Ceia do Senhor – um símbolo de solidariedade e diversidade.

A Ceia do Senhor é a participação nos emblemas do corpo e do sangue de Jesus, como expressão de fé nEle, nosso Senhor e Salvador. Nesta experiência de comunhão, Cristo está presente para encontrar-Se com Seu povo e fortalecê-lo. Participando da Ceia, proclamamos alegremente a morte do Senhor até que Ele volte. A preparação envolve o exame de consciência, o arrependimento e a confissão. O Mestre instituiu a cerimônia do lava-pés para representar renovada purificação, para expressar a disposição de servir um ao outro em humildade semelhante à de Cristo, e para unir nossos corações em amor. O Serviço da Comunhão é franqueado a todos os crentes cristãos. (I Cor. 10:16 e 17; 11:23-30; Apoc. 3:20; João 6:48-63; 13:1-17). – *Crenças Fundamentais*, 15.

Referências:

1. Ver Mat. 26:17-29; Mar. 14:12-25; Luc. 22:7-23. De acordo com João 13:1-20. Jesus e os discípulos fizeram uma refeição juntos na quinta-feira à noite, durante a qual Ele lavou os pés dos discípulos. Portanto, não faz referência a isso como sendo uma ceia pascal ou aos seus elementos, a não ser o pão e o vinho. Pelo quarto evangelho, a ceia pascal, nesse ano, se deu na sexta-feira à noite (ver João 18:28; 19:14).
2. Ver Mat. 26:29; Mar. 14:25; Luc. 22:17. Em outro lugar Jesus também Se referiu ao tema do banquete final. Ver Mat. 8:11; Luc. 13:29; 22:29 e 30.
3. Ver também João 6:51-56; I Cor. 5:6-9; e possivelmente I Cor. 10:1-4. Paulo dá a entender que está também pensando na Ceia do Senhor em I Coríntios 10:21.
4. No verso 16 ele inverte a ordem natural pão-vinho, comum nos relatos da Ceia do Senhor. Isso ocorreu provavelmente porque ele desejava desenvolver o comentário sobre o pão no próximo verso.
5. Ver, por exemplo, João 17:20-23.

Como alcançar mentes secularizadas – I

AMIN AMÉRICO RODOR

*Th.D., pastor na Associação de Ontário,
no Canadá*

É fácil presumir que uma verdade eterna seja automaticamente compreensível, independente das circunstâncias e mudanças do contexto em que ela deve ser comunicada. Não se discute o fato de que a fé cristã é relevante em qualquer situação. Contudo, ignorar ou desconsiderar as complexidades e variações do contexto onde ela deve ser proclamada, é tão fatal como o seria para qualquer atividade humana que envolva a necessidade de comunicação.

Todos nós conhecemos exemplos de profissionais de diferentes áreas, que deixaram de se atualizar ou se ajustar a novas situações, sendo, portanto, ultrapassados e marginalizados pela incapacidade de funcionar efetivamente dentro do contexto alterado. Os cristãos podem cometer o mesmo engano, subsistindo à sombra de glórias passadas e nostalgia; respondendo perguntas que não estão sendo feitas, ou dando respostas a questões que foram formuladas em outras épocas e situações, sem tratar com as questões do momento e do novo contexto. Como observa Steve Wilstein, “é perigoso crer que você se manterá em sucesso simplesmente fazendo as mesmas coisas que trouxeram sucesso no passado. Isso seria verdade se o mundo não mudasse. Para se ter sucesso por um longo período de tempo, é necessário mudar antes que o método deixe de funcionar”.¹

O texto de I Crônicas 12:32, indicando que “os filhos de Issacar eram entendidos na ciência dos tempos, para saberem o que Israel devia fazer”, sugere que a habilidade de se fazer a leitura correta dos tempos é ingrediente indispensável para a prática lúcida. Aquilo que deve ser feito deve ser sempre informado pela clara compreensão das circunstâncias, do contrário, corremos o risco de estar falando algo sem sentido ao nosso auditório.

O desafio

Uma das coisas básicas para o comunicador cristão, hoje, é: como comunicar a fé num ambiente que se torna progressivamente secularizado? Por secularização, entendemos o fenômeno pelo qual a sociedade torna-se cada vez mais inclinada a ver a vida sem nenhuma referência a Deus. O homem moderno tem, progressivamente, experimentado uma erosão da fé no sobrenatural e sido bombardeado por uma percepção que o leva a ver aquilo que acontece ao seu redor, seja o que for, como algo limitado a este mundo e à experiência dos sentidos. Valores e práticas religiosos têm sido descartados como irrelevantes e superados.

Como comunicar o significado cristão da vida a pessoas que não apenas se afastam da igreja, mas não encontram nela qualquer sentido? Como comunicar a fé a pessoas desprovidas de vocabulário cristão, e para quem a perspectiva cristã parece isolada do contexto geral da vida? Como comunicar a fé a multidões imersas em preocupações criadas e alimentadas por um horizontalismo exclusivo, para quem a vida se expressa dentro das fronteiras dos cinco sentidos, numa forma de empirismo crônico?

De que maneira é possível comunicar a fé a multidões isoladas do mundo religioso, ignorantes do mais simples esboço do que seja o cristianismo? Como podemos comunicar a fé a mentes saturadas pelas mensagens transmitidas por revistas, novelas, músicas, jogos eletrônicos, filmes e *shows* que não apenas alienam da realidade, mas dificultam a própria habilidade de sentir e perceber em níveis mais profundos? De que forma é possível comunicar com famílias, onde os membros passaram a viver isolados, com prioridades estabelecidas por agendas indi-

vidualistas; famílias divididas, para as quais o significado do relacionamento humano tornou-se difícil de ser entendido? Como manter relacionamento com o “homem nuclear”, autocentralizado, altamente interessado em conforto material e gratificação imediata dos desejos, que não olha mais além da morte, e por isso mesmo parece incapaz de relacionar-se com qualquer coisa além do tempo e espaço de sua vida?

A palavra secular descreve a condição em que vivem multidões no mundo moderno. O termo não se refere primariamente ao ateísmo ou ao agnosticismo, mas à indiferença quanto à existência e relevância de Deus. Conseqüentemente, ele pode descrever uma absorvente preocupação com as questões humanas, freqüentemente excluindo o que, do ponto de vista cristão, é relevante, duradouro e prioritário.

Nesse ambiente, pouco se sabe do cristianismo, que, para milhões, parece ter-se tornado o eco de um eco distante, exceto pelas impressões negativas criadas por escândalos explorados pelos meios de comunicação. Raramente a Igreja é incluída no pensamento do homem moderno e, quando isso acontece, ela está associada com forte suspeita, inclusive de clérigos.

O desafio, para os cristãos, envolve o relacionamento com vizinhos e mesmo familiares que perderam a consciência, memória e vocabulário cristãos. Conquanto possam viver do outro lado do corredor com vizinhos secularizados, os cristãos podem parecer-lhes tão estranhos como alguém vindo de outra galáxia. O problema que nos pressiona com grande intensidade é percebermos que o mundo ocidental tornou-se novamente um vasto campo missionário.

Não surpreende, então, que dentro desse contexto, métodos tradicionais de evangelismo não estejam funcionando com importantes segmentos sociais. Nosso limitado sucesso em alguns setores pode criar a ilusão de que tudo esteja como sempre e que nada deve ser mudado. Podemos estar cegos ou convencer-nos de uma “realidade” que existe apenas em nossa imaginação. Podemos buscar refúgio no mundo imaginário do “faz-de-conta”, porque a realidade nem sempre é atrativa. Embora isto possa representar certo consolo, está longe de ser a solução adequada. A Igreja hoje manterá uma posição de influência na sociedade pluralista e secularizada apenas em termos de sua atitude

de responsável para com o presente, não com base em vagas memórias de glórias do passado. Nostalgia pode ser uma experiência interessante, podendo até mesmo trazer algum conforto em tardes chuvosas, mas nada pode fazer para assegurar presença efetiva no mundo confuso e desalojado que atualmente enfrentamos.

Quatro pontos importantes

Neste ponto, cremos ser necessária uma aparente digressão, para consideração de quatro elementos fundamentais de nossa discussão

Primeiro, aquele que comunica, se deseja ser ouvido e entendido, deve começar com o ouvinte onde este se encontra. Não onde imagina que ele esteja ou onde gostaria que estivesse. Isso naturalmente impõe uma necessidade de contextualização. O significado parece claro: nós pregadores, que costumamos falar da importância da exegese do texto, devemos também tomar consciência da importância da exegese do contexto, para fazermos a leitura correta de nosso auditório.

Segundo ponto: alguns podem defender que devemos proclamar o evangelho da forma como o entendemos e o apreciamos; e se os outros não o entendem nem o apreciam, isso é “problema deles”. A vida provavelmente seria mais simples dentro desta mentalidade de “pega ou larga”. Contudo, a revelação sugere que o evangelho não terá sido anunciado, até que nosso auditório o escute em seu próprio contexto e linguagem. As pessoas têm que receber a comunicação em linguagem que lhe seja inteligível.

Jon Paulien, faz uma válida aplicação ao discutir a necessidade de ajustes na comunicação do evangelho ao homem secularizado, sob a figura de “dois horizontes”.² Da mesma forma que as pessoas têm um horizonte físico, isto é, a visão permitida pelo lugar em que elas se encontram, possuem também outro tipo de horizonte: o intelectual, emocional e experiencial. O conhecimento, a percepção e a experiência tendem a ser limitados pela educação, pelo contexto, origens e raízes familiares. Quando encontramos um outro ser humano, é na convergência de horizontes, nos pontos de interesse e compreensão comuns que podemos nos comunicar de maneira mais efetiva.

Em nossa interação com o homem moderno, defrontamo-nos com pessoas de horizon-

te religioso extremamente limitado. E, não apenas isso, pessoas com uma atitude mental predisposta à resistência, uma vez que elas foram amplamente treinadas a pen-

Aquele que comunica, se deseja ser ouvido e entendido, deve começar com o ouvinte onde se encontra. Não onde imagina que ele esteja ou onde gostaria que estivesse.

sar em termos de dúvida. Isso significa que nos deparamos com uma visão do mundo e da vida, tão distinta da nossa, que os pontos de contato são considerados quase inexistentes. Que fazer para que a interação seja possível? Aquele que busca comunicar o evangelho deve ampliar seu horizonte para incluir outros horizontes e permitir pontos de contato para comunicação efetiva. É crucial termos em mente que no contexto do testemunho, tal responsabilidade está sobre os cristãos. Paulo compreendeu isso ao afirmar: "Fiz-me tudo para todos, para por todos os meios chegar a salvar alguns" (I Cor. 9:22).

Contudo, o maior testemunho desse tipo de ajuste é oferecido pelo próprio Deus. Tomemos o exemplo das Escrituras. A revelação não foi comunicada fora da História, independente dos homens escolhidos como canais da comunicação divina, ou daqueles a quem ela se destinava. As Escrituras não foram compostas por Deus, no Céu, e entregues aos homens em forma final, como se crê do Alcorão. Ao contrário, elas foram dadas passando pelo filtro humano. Encarnando-se no tempo, no espaço, linguagem e cultura específicos. O conhecimento, a experiência e o contexto dos autores bíblicos e de seus ouvintes foram respeitados, e aí estão refletidos, como parte integral do fenômeno. Nesse processo, o próprio Deus "ampliou" o Seu horizonte, para incluir o nosso.

Como sabemos, o Novo Testamento foi escrito em um grego diferente (koinê), tanto da língua clássica de Platão e Aristóteles, como do grego moderno. Por muito tempo, os eruditos julgaram que esse tipo especial de grego fosse uma "língua celestial". Até que, no Egito, há pouco mais de um século, foram descobertos remanescentes de correspondências antigas, cartas de amor, contos, recibos, listas de compras e outras peças da comunicação diária. Para surpresa de muitos, esses fragmentos de papiros estavam escritos na mesma linguagem e estilo dos livros do Novo

Testamento. Ficou claro que o Novo Testamento não foi escrito em linguagem celestial, mas na linguagem das pessoas comuns. Deus vem às pessoas onde elas estão, co-

municando-Se com elas em termos compreensíveis.

Essa verdade é ainda ilustrada na composição dos quatro evangelhos. Cada evangelista, sob a direção do Espírito Santo, ajustou a narrativa às necessidades de seus ouvintes originais, incluindo ou excluindo os elementos de maior ou menor importância, para aqueles a quem a mensagem se destinou. Dois fatos são evidentes nesse processo: seletividade e adaptação. Como autores inspirados, cada evangelista selecionou as narrativas e ensinamentos que melhor se adaptavam ao seu propósito de atender necessidades específicas. Escrevendo a judeus, por exemplo, Mateus evoca fortemente o Velho Testamento, na tentativa de persuadi-los de que Jesus de Nazaré era, de fato, o Messias prometido a Israel. Lucas, por outro lado, escrevendo a gentios, faz pouca referência ao VT e remove tudo aquilo que poderia ser um obstáculo à compreensão deles, de Jesus como o Salvador universal. Tais narrativas são ao mesmo tempo específicas (porque se dirigem a situações diferentes) e complementares (em vez de contraditórias). Em conjunto, elas nos fornecem um quadro amplo de Jesus.

Mais importante ainda do que a Palavra escrita, é a própria Palavra encarnada. Na encarnação, Deus veio à humanidade em carne; exceto pelo pecado, precisamente como um de nós. Além disso, a encarnação não se deu desvinculada do seu contexto. Jesus Cristo não veio como um cavaleiro medieval, ou como um executivo do século vinte. Ele veio como um judeu do primeiro século, vivendo na Palestina, falando nos termos apropriados da linguagem e cultura local; que tornou-Se faminto, cansado e algumas vezes frustrado e triste (Marcos 1:40; 3:4; 6:6; 10:13 e 14). A encarnação de Jesus é a suprema demonstração do compromisso de Deus em comunicar-Se com as pessoas em seus termos e onde elas se encontram.

Foi precisamente esse princípio manifesto na encarnação que motivou Paulo em seus esforços missionários. Ele demonstra que há um considerável preço de sacrifício para se alcançar pessoas diferentes. Talvez a maior razão pelo limitado sucesso com esse tipo de pessoas seja o fato de que temos preferido não assumir o custo, permanecendo dentro dos limites dos nossos horizontes. Em I Cor. 9:20 a 22, o apóstolo afirma: "Fiz-me como judeu para os judeus, para ganhar os judeus; para os que estão debaixo da lei, como se estivesse debaixo da lei, para ganhar os que estão debaixo da

lei. Fiz-me como fraco para os fracos, para ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos, para por todos os meios chegar a salvar alguns. E eu faço isto por causa do evangelho, para ser também participante dele." Nessa passagem, Paulo apresenta um mandato para o ministério ao mundo secular e um apelo para expansão de nosso horizonte, e, assim, alcançar outros horizontes, aprendendo como falar às pessoas onde elas estão. E isso "por causa do evangelho", para sermos também participantes dele.

O terceiro aspecto, de certa forma relacionado com os anteriores, tem a ver com a possível objeção: Não é papel do Espírito Santo estabelecer uma ponte sobre o abismo entre as pessoas? Não diz a Bíblia que é pelo Espírito (Zac. 4:6) que Deus alcança os Seus propósitos? De maneira nenhuma gostaríamos de dar a impressão de que estratégias e técnicas humanas possam substituir o papel do Espírito. É deplorável a idéia de que a Igreja seja apenas uma empresa que tenha sido invadida pela mentalidade de *marketing*, deixando a impressão de que o evangelho pode ser comunicado com as mesmas técnicas de propaganda utilizadas para se vender refrigerantes ou dentifrícios.

Contudo, existe a posição oposta, não menos perigosa em seus efeitos. Nesse caso, deixa-se que Deus assuma completa responsabilidade, com a absoluta omissão humana. Tal posição, em geral, justamente porque é expressa em termos aparentemente piedosos

e "espirituais", é difícil de ser desafiada sem que aquele que faz a objeção não pareça irreligioso e "carnal". Se no primeiro extremo o homem assume toda a responsabilidade para a comunicação do evangelho, no outro, ele se omite de toda responsabilidade, produzindo uma desastrosa passividade.

A Bíblia claramente ensina que Deus nos deu um papel crucial na proclamação do evangelho. A

**Deus escolheu não concluir Sua
Obra sem nós. Não podemos fazer
sem Ele, o aquilo que Ele decidiu
não fazer sem nós. Ele utiliza
pessoas para cumprir Seus
propósitos.**

Igreja cumpre sua missão quando o poder divino e o esforço humano, adequado e responsável, se unem. E uma coisa não exclui a outra, como às vezes parece ser sugerido. Certa-

mente não podemos desempenhar nossa parte sem Deus, mas, por outro lado, Deus escolheu não concluir Sua Obra sem nós. Não podemos fazer sem Deus, aquilo que Ele decidiu não fazer sem nós. Ele utiliza as pessoas para cumprir Seus propósitos.

Finalmente, um outro argumento comum é a afirmação de que o problema básico do homem é o mesmo em todos os tempos e lugares, portanto, não há nenhuma necessidade de se alterar os métodos. Não se discute que o problema central do homem – o pecado – é o mesmo, independente das situações variáveis. E não apenas isso, a solução continua também inalterada: Jesus Cristo e a salvação que Ele oferece. O que muda não é o problema, ou a solução, mas as circunstâncias, o contexto humano. E as novas situações interferem e alteram a percepção humana daquilo que é inalterável, tanto do problema como da solução. A reconciliação com Deus continua sendo a necessidade básica da cultura secular. Os cristãos percebem isso, mas da perspectiva em que vive o homem secularizado, sua percepção é extremamente limitada e anuviada.

Por isso, conhecendo as necessidades que ele percebe, podemos, a partir delas, construir pontes de comunicação, e, pela ação do Espírito, conduzi-lo à compreensão do seu problema real e da grande necessidade não consciente. O fato de que Paulo, nos capítulos iniciais de sua Carta aos Romanos, indica que a natureza pecaminosa e a injustiça diante de

Deus sejam o problema básico tanto dos gentios como dos judeus (Rom. 1:8 a 3:30), e que a justiça de Cristo seja a exclusiva resposta divina à condição humana (Rom. 3:21 a 5:21), não impede que ele, diplomaticamente, se faça “gentio com os gentios e judeu com os judeus” para ganhar alguns.

Assim, nossa tarefa, à semelhança dos próprios evangelistas, e do teor geral das Escrituras, é essencialmente comunicar a mesma história, adaptando-a em formas de linguagem e pensamento capazes de comunicar o seu significado a um auditório diferente. O que muda não é a história de Jesus a ser contada, mas o método, a abordagem da comunicação, que deve ser recontextualizada, para que nossa proclamação faça sentido ao mundo moderno. Enquanto a mensagem permanece inalterada, os métodos de sua comunicação são variáveis. Devemos libertar-nos da idolatria das formas e nenhuma confusão deve existir entre a mensagem e o método. Ao mesmo tempo em que a substância da pregação é imutável, o estilo de se ministrar a Palavra deve ser inovativo e adaptável. Portanto, basicamente, estamos falando de adaptação do método, não de invenção ou reinvenção da mensagem.

Nasce a secularização

Cada geração opera dentro de um clima de opinião dominante. Na maior parte do mundo ocidental hoje, que no passado foi tão fortemente influenciado pelo cristianismo, o clima dominante é, na melhor das hipóteses, de apatia e frequentemente de hostilidade em relação à fé cristã. Como isso aconteceu? Que fatores contribuíram para essa reversão? A questão é de absoluta importância porque, em diferentes estágios de ação, as mesmas causas estão produzindo seus efeitos em todas as partes. Em busca de uma resposta que nos ajude a compreender o mundo ao qual temos que pregar, tomaremos algum espaço para uma breve análise histórica.

Por séculos, o mundo ocidental viveu o período de uma “sociedade cristã”, na qual a maioria, acreditava-se, pertencia à Igreja,³ cercada por seus ritos e ensinamentos. Historiadores chamam esse período de “crístandade”. A crístandade tem raízes profundas, cuja análise detalhada aqui é impossível. Era dominada, sobretudo, por uma visão do propósito divino para a vida, como ensinado pela

Igreja, e marcada por uma “tentativa de se criar uma civilização cristã, com leis que refletissem os ensinamentos bíblicos, reis, governantes e mestres, sob a explícita obrigação de lealdade à Igreja”.⁴

A Igreja definia os propósitos de cada área da vida. Assim, governo, educação, arte, arquitetura, literatura, música, moralidade pessoal, vida comunitária e mesmo a economia marchavam pelo tambor do cristianismo. A Igreja tornou-se a fonte e o centro da civilização ocidental, influenciando cada área da vida. O próprio pensamento era regulado por aquilo que ela ensinava. Durante o período da crístandade, a influência eclesiástica, muitas vezes, chegou aos limites do monopólio. Se as pessoas eram educadas, tal educação era transmitida pela Igreja ou sob sua tutela. Arte e música serviam a temas cristãos. A Igreja tornou-se a força dominante da sociedade. A mais preeminente instituição era a Igreja; e o papa, mais importante que qualquer príncipe. Em tal arranjo, a Igreja formou um ambiente cultural a tal ponto que, com algumas variações, as pessoas nascidas dentro da crístandade eram automaticamente consideradas cristãs.

Com esse pano de fundo, não é difícil compreender porque uma das primeiras definições de secularização a relaciona com libertação do controle, primeiro, da religião e depois, da metafísica sobre a razão e linguagem humana.⁵ Em outra definição, a secularização é vista “como o processo pelo qual setores da sociedade e cultura são removidos do domínio de instituições e símbolos religiosos”.⁶ Wolfhart Pannenberg descreve a secularização como “o modo pelo qual o mundo e a cultura se tornaram independentes do cristianismo e sobretudo das igrejas”.⁷

O arranjo da crístandade durou aproximadamente dez séculos. Mas, desde então, o ocidente foi substancialmente perdido. Avaliando-se a questão pelo simples indicador de frequência às igrejas, pode-se perceber o massivo declínio do cristianismo no ocidente.⁸ O desafio é complicado, senão drasticamente agravado, pelo fato de que a maioria das populações ocidentais foi exposta a alguma forma distorcida de meias-verdades ou expressão caricaturada do cristianismo, o que contribuiu para inocular as pessoas contra o real cristianismo bíblico.

O irônico é que a resistência à fé cristã instalou-se precisamente no coração da antiga crístandade, gerando o desafio de alcan-

çar para Cristo populações “pagãs” vivendo em territórios que no passado foram a fortaleza do cristianismo. Isso, certamente, requer uma lúcida estratégia missionária, provavelmente mais que em qualquer outro período da História.

A cristandade desintegrou-se através de um longo processo, de 500 ou 600 anos de secularização, de tal forma que ela tornou-se simplesmente uma lembrança remota. A idéia da secularização pode ser ilustrada por um evento histórico: durante os séculos 15 e 16, quando as armas de vários nobres e barões saqueavam os mosteiros e se apossavam das propriedades da Igreja, dizia-se que tais propriedades estavam sendo “secularizadas”, isto é, retiradas do seu domínio. Tal exemplo pode ilustrar a retirada de áreas inteiras da vida, pensamento e atividades, do controle ou influência da Igreja. Ela sempre experimentou uma perda de influência em quase todas as áreas da vida da sociedade ocidental, desde educação, governo, economia, arte, arquitetura, literatura, música, moralidade pessoal e vida comunitária. Hoje, ninguém considera que a cultura ocidental marcha ao som de tambores cristãos.

Há variações nesse processo. Além disso, a secularização de uma área (literatura) varia de outra (música, ou economia, por exemplo). O processo não é uniforme. As raízes são complicadas e faltaria tempo e espaço para qualquer tentativa de análise extensiva. Vamos nos limitar aos aspectos básicos, para estabelecer o contexto da nossa discussão. Duas áreas fundamentais devem ser consideradas: primeira, a ação de seis eventos desintegradores; e, segunda, a própria alienação da Igreja, resultado de sua atitude reacionária.

Eventos desintegradores

A primeira causa do declínio da cristandade e da conseqüente secularização do ocidente é encontrada numa série de seis eventos culturais de extraordinária magnitude ao longo de vários séculos.

1. O processo de secularização iniciou-se com a Renascença, um movimento intelectual e cultural desde a metade do século 14 até o início do século 16, liderado por Erasmo e Bacon. Essencialmente, a Renascença representou a redescoberta ocidental da cultura da Grécia clássica – sua arte, filosofia, literatura, ciência e sobretudo seu humanis-

mo. Com a Renascença, aconteceu um redirecionamento das preocupações. A atenção, antes voltada para Deus, o “outro mundo” e questões teológicas, passou para questões humanas e progresso da humanidade. A humanidade, não Deus, tornou-se a medida de todas as coisas. Este mundo, não o próximo, tornou-se o centro de atenção. Como consequência inevitável, a visão da vida fornecida pela Igreja era até então a opção exclusiva. O pluralismo foi introduzido como uma nova fonte de dúvida na mente ocidental. A Renascença criou o solo cultural de onde, eventualmente, emergiu o humanismo moderno como o maior e mais perene rival da verdade cristã.

2. Ironicamente, a Reforma Protestante do século 16 removeu a influência da Igreja da vida ocidental, dividindo-a e desviando a atenção dela. Sua preocupação em administrar a sociedade voltou-se para problemas internos, de renovação, reorganização e questões teológicas.

3. O processo de secularização continuou com o surgimento do nacionalismo que fragmentou a tradicional hegemonia medieval. O espírito nacionalista que varreu a Europa contribuiu para a desintegração da cristandade como uma entidade política. “Devoção à nação” diz Michael Green, “substituiu a antiga devoção a Deus.” O nacionalismo suscitou guerras entre povos, incluindo, a longo termo, duas guerras devastadoras, introduzindo desilusão, dúvidas e uma atitude de cinismo no homem moderno.

4. O surgimento da ciência desafiou as pressuposições pré-científicas da cristandade, acerca do Universo e da vida humana. Seria difícil exagerar o impacto da ciência e daquilo que foi apresentado como tal, pela referência à influência de seis pensadores: Copérnico, Galileu, Newton, Darwin, Marx e Freud.

Copérnico e Galileu, pela descoberta da estrutura do sistema solar, desafiaram a compreensão mantida pela Igreja a respeito do cosmo (a Terra como centro do Universo). A teoria da gravidade de Newton desafiou a doutrina da providência, como tradicionalmente entendida: a providência divina mantinha a Lua, planetas e estrelas em suas órbitas. Newton argumentou que tal ordem podia ser defendida em termos matemáticos. Eventualmente, o Universo veio a ser entendido como um sistema existente em si mesmo, ou como uma “máquina” que dispensa Deus para explicá-la ou administrá-la.

A teoria da evolução, de Darwin, desafiou a doutrina da criação e a natureza da humanidade. Por outro lado, os escritos de Marx proveram uma alternativa para a visão cristã do alvo da História. Marx substituiu a escatologia bíblica por uma utopia econômica. Finalmente, Freud colocou um ponto de interrogação sobre a fé e a experiência religiosa, acusando a crença em Deus e as experiências de Deus como algo que poderia ser explicado em termos psicológicos, ou entendido como ilusões.

5. O Iluminismo, construindo sobre o fundamento da Renascença, deu extraordinário impulso à secularização. O efeito do Iluminismo foi tão colossal que alguns pensadores concluem que apenas ele é responsável pela secularização do ocidente. Agnóstico em relação a Deus, o Iluminismo emergiu na História européia com enorme confiança na razão humana, deixando um legado intelectual que afetou de forma irreversível a cultura ocidental: o homem é essencialmente bom e racional (é o ambiente que o torna menos bom e menos racional). Líderes do Iluminismo confiavam que a moralidade e a sociedade podiam estar baseadas apenas na razão, sem necessidade de se recorrer à revelação. Criam ainda que a ciência, tecnologia e educação trariam progresso inevitável. Deus, portanto, tornou-se supérfluo. O Iluminismo trombeteou a “dignidade humana” e “direitos humanos”, inspirando movimentos intencionados em criar uma sociedade mais humana, provendo uma alternativa radical à ética e aos ensinamentos cristãos. Encorajando dúvidas acerca do cristianismo, o Iluminismo originou crenças e causas que pareceram uma substituição a ele, introduzindo o modernismo na cultura ocidental.

6. Finalmente, o processo de secularização foi grandemente implementado pela urbanização.¹⁰ A concentração de grandes massas humanas nas cidades do mundo, desde a revolução industrial, é uma das mais poderosas forças em nossa sociedade. Seu desastroso efeito é visto na rutura ou, pelo menos, no enfraquecimento do círculo familiar amplo. Ela desalojou os valores tradicionais, imergindo multidões num estilo de vida febril, em oposição ao tranqüilo ritmo rural e agrário de vida, onde fé em Deus era sentida como algo quase natural. Crime, desintegração dos relacionamentos, alienação e descrença estão entre seus efeitos colate-

rais. A urbanização pode ser considerada irmã gêmea da secularização. Ela ampliou os efeitos da secularização e, tão profunda como sutilmente, afetou a consciência de Deus nas populações urbanas.

A alienação da igreja

A primeira causa para a perda de influência do cristianismo sobre a cultura ocidental foi o massivo impacto de uma série de seis eventos – da Renascença à urbanização. A segunda causa pode ser traçada à síndrome reacionária de caráter quase patológico, apresentada pela própria Igreja, em resposta a esses eventos. Essa atitude minou sua credibilidade e distanciou as pessoas de seu testemunho.

Em quase cada situação, a Igreja apegou-se a seus dogmas e recusou-se a tratar com as novas e indesejadas questões. Tal postura gerou um conflito com a ciência. A Igreja, inicialmente, tentou controlar o que devia e o que não devia ser pesquisado, as conclusões da pesquisa científica (baniu os livros de Copérnico por 200 anos, forçando Galileu a retratar-se de suas descobertas na área da astronomia). Paradoxalmente, pessoas como Newton e Galileu nunca se viram como inimigas da Igreja. Mas o comportamento desta fez com que ela parecesse inimiga do pensamento, da racionalidade e da própria verdade.

Igrejas protestantes tornaram-se, posteriormente, aliadas do nacionalismo. O cristianismo protestante, portanto, também perdeu parte da visão de uma humanidade comum e contribuiu para o chauvinismo que acabou separando ainda mais as nações. Poucas pessoas no ocidente tiveram razão para associar o protestantismo como Príncipe da Paz, e muitos observaram essa expressão do cristianismo como uma traição a Ele.

O catolicismo europeu opôs-se vigorosamente às causas defendidas pelo Iluminismo. A Igreja perdeu sua credibilidade quando falhou em colocar adequadamente sua influência do lado de movimentos trabalhando por justiça e democracia. Na Europa católica, a Igreja aliou-se aos monarcas, ao poder e ao dinheiro, como aconteceu na América Latina. Bertrand Russel em sua *History of Western Philosophy*, observou, provavelmente com algum exagero, que “as igrejas, em todas as partes, tanto quanto puderam, foram

contrariadas praticamente a cada inovação criada para aumentar a felicidade e o conhecimento na Terra”.¹¹ David Edwards, erudito cristão, atribui a secularização ao fracasso do clero em transcender o nacionalismo, a entender a ciência e a democracia e alcançar os trabalhadores das indústrias urbanas. Edwards atribui o ateísmo europeu à resposta contraprodutiva da Igreja: “O ceticismo é generalizado, nem a política ou a vida diária são profundamente influenciadas pelos ensinamentos das igrejas, e o europeu médio perdeu qualquer senso vivo de Deus, ou qualquer noção religiosa de certo ou errado.”¹²

Resumo

Iniciamos esta seção apresentando o formidável desafio que a secularização representa hoje para os cristãos. Buscamos então indicar as razões porque os cristãos devem considerar seriamente a importância de se entender a cultura secularizada, para adaptar estratégias capazes de fazer frente ao fenômeno. Buscamos sugerir respostas às possíveis objeções quanto à necessidade de ajustes onde eles sejam requeridos. Para ser efetiva, a proclamação cristã deve, por um lado, ter identidade bíblica, mas por outro, ser relevante à sua audiência. A menos que expressa em categorias familiares aos ouvintes, ela não é adequadamente expressa.

Num segundo momento, buscamos, em caráter particularmente descritivo, indicar as raízes do moderno fenômeno da secularização. Isso porque, cremos, a clara compreensão do problema é sempre parte indispensável da sua solução. As causas indicadas certamente não são as únicas, mas provavelmente as principais responsáveis pelo clima intelectual que se respira nos dias atuais. Tal ambiente parece tornar Deus uma hipótese improvável, uma força esgotada, uma relíquia piedosa do passado. Tais causas, refinadas, expandidas e projetadas sob o ímpeto de influências mais recentes, criaram na grande maioria das populações ocidentais, a consciência de que Deus e a religião foram superados. Se Ele existe, o que é duvidoso, certamente Ele é irrelevante para a vida.

É significativo notar que o processo da secularização que tomou séculos para instalar-se nos países desenvolvidos, em apenas duas ou três décadas terá varrido os, assim chamados, países em desenvolvimento. E, nas

palavras de Emil Brunner, de forma geral “a Igreja hoje não fala principalmente a cristãos, como ela o fez na Idade Média, ou mesmo no tempo da Reforma, ou mesmo ainda, cem anos atrás. Ela hoje deve falar primariamente a ‘pagãos’.”¹³

Na próxima edição, tentaremos, agora de forma mais analítica, traçar o perfil do secularizado, para então construirmos os possíveis pontos de contato com o vasto campo missionário à nossa frente.

Referências:

1. Steven Wilstein, *Getting What It Takes to Win*, Hemisphere, junho 1994.
2. Citado por Donald Bloesch, *The Christian Witness in a Secular Age*, Minneapolis, Augsburg Press, 1986, pág. 18.
3. O termo Igreja nesta seção, em geral refere-se à expressão católica romana do cristianismo, predominante no período medieval.
4. Leslie Newbigin, *Foolishness to the Greeks: The Gospel and Western Culture*, Grand Rapids, 1986, pág. 129.
5. C. A. van Peruse, citado por George Hunder III, *How to Reach Secular People*, Nashville, 1992, pág. 173.
6. Peter Berg, *The Sacred Canopy*, Garden City, NY, 1969, pág. 107.
7. Wolfhart Pannenberg, *Christianity in a Secularized World*, Nova Iorque, 1989, pág. 7.
8. A frequência à igreja declinou para 6% na Alemanha e Itália; 12% na Inglaterra. No Canadá, o percentual hoje é menos da metade do que era 40 anos atrás. Na Austrália, menos da metade do que era há 25 anos. Hunter observa o substancial declínio da influência do cristianismo nos Estados Unidos. Contudo, este fato é obscurecido porque nesse país as estatísticas de frequência à igreja são inflacionadas por uma mistura de nacionalismo moralista, promovido por um tipo de idolatria pagã de valores culturais, sob a capa de cristianismo.
9. Michael Green, *How Shall We Reach Them?* Nashville, 1995, pág. 22.
10. A Inglaterra, no século 18, experimentou a Revolução Industrial, tornando-se o primeiro país substancialmente urbano. Outros logo seguiram a mesma trilha. Os Estados Unidos moveram-se de 20% de população urbana em 1870, para 40% em 1900; 70% em 1980 e se aproximaram de 90% no ano 2000. A Austrália apresenta 85% de população urbana. Dentro desta década, Gottfried Oosterwal observa, o mundo experimentará a maior mudança de sua história. Pela primeira vez, a vasta maioria das populações do mundo estará concentrada nas cidades. Nova Iorque, Londres e Paris, as maiores cidades desde que o moderno processo de urbanização foi iniciado, serão superadas por mega ou super-metrópoles, encontradas principalmente na Ásia, América Latina e África, onde hoje concentram-se 28 das 34 grandes cidades do mundo (*Cast the Net on The Right Side* Newbold College, Inglaterra, 1993, pág. 102).
11. Citado em Donald O. Soper, *The Advocacy of the Gospel*, Nova Iorque, 1966, pág. 18.
12. Idem, pág. 19.
13. Citado em Donald Bloesch, *Op. Cit.*, pág. 45.

Não há demora

MÁRIO VELOSO

Secretário associado da Associação Geral da IASD

A demora da segunda vinda de Jesus é um assunto freqüentemente discutido. E quando isso acontece, não raro, o que existe é muito calor e pouca luz. Neste artigo, nosso propósito é tratar do assunto sem confrontar qualquer pessoa em particular. Por essa razão, não faremos referência a qualquer autor ou a quaisquer escritos extrabíblicos, embora seja inevitável a referência a idéias. Vamos examinar a Bíblia para verificar se existe, ou não, algum fundamento escriturístico que autorize a proposição de que a volta de Cristo está demorando. Nessa pesquisa, recorreremos a três fontes principais: Jesus, Paulo e João.

Desconhecidos dia e hora

Embara os Evangelhos Sinóticos falem muita coisa a respeito da volta de Cristo, limitaremos nosso estudo aos capítulos 24 e 25 do Evangelho de Mateus. De acordo com esse evangelista, no final da tarde de terça-feira da Semana da Paixão, depois de passarem todo o dia no templo, Jesus e Seus discípulos foram ao Monte das Oliveiras, onde conversaram sobre Sua segunda vinda. O Mestre lhes falou a respeito da destruição do templo e os sinais de Sua vinda, o que tem levado alguns a interpretarem que Ele estava indicando que os dois eventos aconteceriam quase simultaneamente. Mas, um cuidadoso olhar sobre o texto bíblico permite ver que Jesus estava mais interessado em explicar o fim do mundo, por ocasião da Sua segunda vinda, do que falar sobre a destruição do templo. O colapso do templo e da própria cidade de Jerusalém estava, entretanto, na mente dos discípulos e era ilustrativo do fim do mundo.

Em relação à Sua vinda, Jesus falou sobre tempo, preparação, missão e julgamento. Descreveu o julgamento em termos de separar os bodes das ovelhas. A base fornecida para essa seleção é o serviço. Aqueles que servem são vistos como justos. O bem que prestam aos seus semelhantes necessitados, mesmo sem o saberem, fazem-no como se fosse ao próprio Cristo, o Rei vindouro. Os indiferentes às ne-

cessidades do próximo, descritos como malditos, não serviram ao Rei (Mat. 25:31 a 46).

A missão está descrita na parábola dos talentos. Investir nos talentos é negócio de Deus, que requer dedicação completa de cada talento outorgado a Seus servos. Os que cumprem esse propósito são mostrados como fiéis (vs. 24 a 39). Preparação para a segunda vinda implica a presença do Espírito Santo na vida de alguém (vs. 1 a 13).

Em meio a tudo isso, o tempo também desponta como sendo muito importante. Seu grande significado é visto em todos os sinais e símbolos, bem como nas diretas afirmações de Cristo relacionadas à segunda vinda. A cronometragem dos sinais é progressiva. Alguns dentre eles cobrem apenas o período da destruição de Jerusalém, bem como a advertência sobre “o abominável da desolação” (24:15). Outros sinais vão mais longe, através da estrutura escatológica do tempo, e outros ainda alcançam a própria segunda vinda de Cristo. Um significativo fator relacionado com o tempo, referido aqui nesse capítulo, é a pregação do evangelho a todo o mundo. A ele, segue-se a promessa de Jesus, também relacionada ao tempo: “e então virá o fim” (v. 14).

A parábola da figueira (vs. 32 e 33) mostra, pela renovação de seus ramos e por suas folhas brotando, que “está próximo o verão”. Isso é aplicado ao tempo da volta de Jesus. Quando todos os sinais estiverem em evidência, podemos saber que esse acontecimento está próximo “às portas”. Entre outras coisas, os sinais nos ensinam que existe um período intermediário entre a destruição de Jerusalém e a segunda vinda de Jesus.

As afirmações diretas que Cristo fez sobre o assunto, claramente nos informam a possibilidade de uma “demora” ou lentidão de tempo, durante o qual as pessoas olham expectantes para o Seu retorno, interpretando-o como devendo acontecer mais cedo do que realmente deveria ser. Nesse ponto, é extremamente oportuna a declaração de Jesus: “Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos Céus, nem o

Filho, senão somente o Pai.” (v. 36). Outro versículo repete o mesmo conceito: “Portanto, vigiai, porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor.” (v. 42). E um terceiro declara: “Por isso ficai também vós apercebidos; porque, à hora em que não cuidais, o Filho do homem virá.” (v. 44). Assim, Cristo jamais anunciou a hora de Sua vinda.

Como, então, alguém poderia argumentar que ela está demorando? Somente poderia haver demora se Jesus tivesse anunciado o tempo de Seu retorno. Não sendo esse o caso, simplesmente não há demora.

Existe ainda uma importante peça de informação. No final das referências feitas ao tempo de Sua vinda, Cristo expôs a parábola dos dois servos: um bom e outro mau. Enquanto o servo bom administrava os negócios domésticos e as propriedades de seu mestre, o mau servo dizia: “Meu senhor demora-se” (v. 48). E, em vez de cuidar dos seus companheiros, espancava-os. Enquanto pensava na demora, perdeu a pista dos sinais; não prestou atenção nas condições da figueira, não pregou o evangelho, e, assim, não percebeu o tempo da vinda do seu mestre (v. 50). Ele era justamente isso: um mau servo, alguém que comia e bebia com ébrios, ao invés de falar do seu senhor (v. 49).

Primeiro a apostasia

Uma das pressuposições atrás da idéia de demora, relacionada à volta de Cristo, é o conceito de uma escatologia “realizada”. Alguns expoentes desse pensamento ensinam que os apóstolos e a Igreja apostólica acreditavam que a segunda vinda ocorreria em seus dias (II Tess. 2:3). Entretanto, a verdade é que os apóstolos nunca ensinaram esse conceito. Isso é particularmente claro nos escritos de Paulo, dentre os quais temos as duas cartas dirigidas aos cristãos tessalonicenses como testemunhas.

Na primeira carta, escrita em 51 a.D., Paulo encoraja aqueles irmãos no sentido de enfrentarem as perseguições com esperança e contentamento. Relembra sua fidelidade ao ensiná-los sobre o dia do Senhor. Como resultado disso, eles sabem “com precisão” que o Senhor virá “como ladrão de noite” (I Tess. 5:2). Esse conhecimento tem conseqüências éticas de longo alcance, afetando seu estilo de vida enquanto eles esperam na segurança da salvação final, a qual o Senhor dará na Sua vinda (vs. 4 a 11). Poucos meses depois, Paulo escreveu outra carta a propósito de falsos ensinamentos concernentes ao tempo do re-

torno de Jesus, que penetraram naquela comunidade. Alguns falsos professores ensinavam um tipo de escatologia realizada, afirmando que o Senhor já tinha vindo.

Evidentemente, isso não estava em harmonia com o ensinamento de Paulo quando ele esteve pela primeira vez em Tessalônica (Atos 17:1 a 9). Tampouco concordava com o que ele escreveu na primeira carta. Paulo ensinava uma escatologia histórica. Esse é o ensinamento central de sua segunda epístola. O dia do Senhor não chegará (II Tess 2:1), e não virá imediatamente, porque há alguns eventos que devem acontecer antes disso na História. Qualquer ensinamento contrário à doutrina de Paulo é um engano. “Ninguém de nenhum modo vos engane, porque isto não acontecerá sem que primeiro venha a apostasia, e seja revelado o homem da iniquidade, o filho da perdição” (v. 3). “Não vos recordais de que, ainda convosco, eu costumava dizer-vos estas coisas?” (v. 5), ele pergunta.

Toda a história da queda ou grande apostasia na Igreja cristã, e a obra do “homem da iniquidade”, o “filho da perdição”, ainda está para ser cumprida. Poucos anos mais tarde, em suas palavras de despedida direcionadas aos anciãos de Éfeso, Paulo disse que essa apostasia iria acontecer porque dentro da Igreja se levantariam “homens falando coisas pervertidas para arrastar os discípulos atrás deles” (Atos 20:30). Escrevendo a Timóteo, o apóstolo advertiu que tais ensinamentos não estavam de acordo com a verdade e que tudo isso viria em tempos futuros (II Tim. 4:3 e 4).

Dessa forma, para o apóstolo Paulo, dois pontos eram muito claros em relação ao tempo da segunda vinda de Cristo. Primeiro, ela é um evento futuro, que terá lugar depois que muitos eventos históricos tenham se cumprido. Segundo, deverá acontecer “como ladrão de noite”. Não uma data estabelecida. Os dois conceitos excluem a possibilidade de uma demora. Isso porque, desde o início, Paulo profetizou eventos históricos que terão de acontecer antes da vinda do Senhor. Não existe demora em relação a qualquer data particular ou tempo, simplesmente porque não foram estabelecidos.

Desfecho rápido

A segunda vinda de Cristo é o tema do livro de Apocalipse. Em sua introdução, o livro fala a respeito da maneira dessa vinda e, em sua conclusão, fala do tempo. Há muitas diferenças, e João usa muitos diferentes símbolos de tempo. Mas, neste artigo,

estamos analisando somente a questão do tempo conforme relacionado à segunda vinda, principalmente com um objetivo particular: descobrir se é possível ser detectado qualquer sinal de demora do retorno de Cristo.

O Apocalipse foi escrito por João aproximadamente entre 95 e 100 a.D. Logo no início, há duas referências a um tempo específico que está relacionado às coisas que o livro apresenta como estando para acontecer. João especificamente diz que o livro é sobre coisas que “em breve [*en tachei*] devem acontecer” (Apoc. 1:1), e que elas devem ser compreendidas, “pois o tempo está próximo [*eggus*]” (v. 3). Aqui, João está se referindo ao tempo em que os eventos preditos no Apocalipse começariam a se cumprir. *En tachei* significa rapidamente, apressadamente, imediatamente, sem demora. Coloca ênfase no tempo, de tal maneira como a expressar urgência.

Eggus enfatiza proximidade no tempo, não urgência. Significa próximo, à mão. Isso porque um tempo específico apontado [*kairos*] estaria próximo. Os eventos preditos no Apocalipse terão lugar, sem demora, quando seu tempo designado estiver próximo.

Há um claro sentido de urgência na introdução do Apocalipse, mas ela está relacionada apenas às coisas preditas no livro. O que vem a seguir (por volta do fim do primeiro século) é o começo dos eventos históricos que estão preditos para ocorrer antes da segunda vinda. No entanto, a própria segunda vinda não é apresentada como estando tão próxima como os eventos assinalados. A volta de Cristo não é mencionada em termos de tempo, na introdução desse livro profético. Nesse ponto, João fala apenas sobre a maneira da volta de Cristo: “Eis que vem com as nuvens, e todo olho O verá, até quantos O traspassaram. E todas as tribos da Terra se lamentarão sobre Ele.” (v. 7). Assim sendo, João não diz que o Senhor viria durante o tempo em que ele estava escrevendo o livro de Apocalipse, por volta de 100 a.D. Ele disse que os eventos aí assinalados, e profetizados por ele, começariam ocorrer ao redor desse tempo. A urgência da segunda vinda aparece somente na conclusão do livro.

Depois de todos os eventos preditos no Apocalipse terem sido cumpridos, a urgência é transferida das “coisas que em breve devem acontecer” para a própria segunda vinda de Cristo. A expressão “eis que venho sem demora [*tachui*]” é repetida três vezes (vs. 7, 12, 20). Somente depois que todos os eventos preditos no Apocalipse estiverem no passado, é que a

vinda do Senhor ocorrerá “sem demora”. Antes disso, não podemos falar em demora, nem imaginar que alguma coisa falaciosa esteja acontecendo em relação à promessa de Sua vinda, porque Deus não falha. Estamos vivendo num momento da História no qual muitos desses eventos ainda estão para se manifestar.

Implicações

Nossa compreensão e atitude em relação ao tempo da segunda vinda do Senhor tem implicações em nosso estilo de vida, nossa teologia e missão. O conceito de que Cristo está demorando leva a uma extremamente tênue compreensão de revelação. Não é consistente com o que a Escritura realmente diz. É, de fato, apenas uma exposição do que alguns intérpretes contemporâneos pensam ser um estado de coisas. A revelação, através dos ensinamentos de Paulo e seus escritos aos tessalonicenses, diz que a segunda vinda de Cristo ainda está no futuro. Mas, pensando em termos de algum tipo de demora ou erro de predição apostólica, alguns eruditos contemporâneos colocam a segunda vinda em um tempo anterior àquele indicado por Paulo.

Qual é a base para essa abordagem da mensagem bíblica? A mesma base enganosa, introduzida por atitudes, palavras, e escritos similares àqueles mencionados por Paulo em passagens como II Tessalonicenses 2:1 a 3. O comportamento desses prosélitos afeta sua vida espiritual e prática, transformando-os em curiosos intrometidos, em vez de comunicadores do evangelho (II Tess. 3:11 a 14).

O mau servo da parábola de Cristo, aquele que acreditava na demora da vinda de seu mestre, confundiu sua missão e todo o propósito de suas ações. Em lugar de permanecer bom e fiel a seu senhor, enquanto o esperava, começou a agir como se fosse ele mesmo o mestre, impondo sua própria vontade aos companheiros, governando suas ações por seu prazer sensual particular (Mat. 24:48 a 51).

Em contraste, aqueles que compreendem a natureza da cronometragem da vinda de Cristo sabem que ela ocorre rapidamente, ao fim do período de espera e provação, predito em Apocalipse 22:11 e 12. Pois “o Espírito e a noiva dizem: Vem. Aquele que ouve diga: Vem. Aquele que tem sede, venha, e quem quiser receba de graça a água da vida. Aquele que dá testemunho destas coisas diz: Certamente venho sem demora. Amém. Vem, Senhor Jesus.” (Apoc. 22:17 e 20).

Focalizando a Bíblia

Seminário ministerial discute as Escrituras.

ZINALDO A. SANTOS

Editor de Ministério



Fotos: Zinaldo

Dr. Amin Américo Rodor

Pouco se fala, atualmente, sobre o Projeto *Preach*. Mas esse já foi um assunto bastante comentado, especialmente no início da década de 80. A palavra inglesa *Preach*, nesse caso, é, na verdade, uma sigla composta pelas iniciais das palavras que formam a frase *Program for reaching every active clergy home*, ou “programa para alcançar cada clérigo ativo em seu lar” e que no Brasil está sendo desenvolvido como “Seminário para pastores evangélicos”. Seja qual for a nomenclatura, o objetivo do plano é construir uma ponte para aproximação do ministério evangélico, mostrando-lhe o que crê e prega a Igreja Adventista. A revista *Ministério* é o principal elo dessa ligação, devendo ser enviada àqueles pastores cujos endereços forem conseguidos, ou patrocinando seminários.

Embora, pelo que revelam as profecias, a intolerância para com a Igreja seja uma atitude que não será totalmente erradicada nos meios protestantes, o plano tem dado certo. Em muitos lugares, aquela idéia de que os adventistas são uma seita legalista vai sendo banida, e até batismos de pastores de outras denominações já foram efetuados. Aqui, desde que o plano foi divulgado, os pastores foram mobilizados, endereços foram catalogados, mas não se tem muita informação dos resultados.

Se se tem falado pouco sobre o assunto, obviamente, existe muito por fazer.

Ação

Mas a Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana está agindo. Depois do primeiro seminário, em junho de 1995, realizou o II Seminário para Pastores

Evangélicos, no dia 13 de fevereiro, no mesmo local do anterior: auditório do Edifício da Bíblia, em Brasília, DF, pertencente à Sociedade Bíblica do Brasil. Sob a coordenação do Pastor José Viana, secretário ministerial associado da DSA, o encontro reuniu 63 pastores e professores, representando equilibradamente diversas denominações evangélicas tradicionais, como batista, metodista e presbiteriana; e pentecostais com suas várias ramificações.

Entre os presentes havia também pastores adventistas, líderes da Divisão Sul-Americana, além de administradores, alguns distritais e departamentais da Associação Planalto Central.

O principal palestrante foi o Dr. Amin Américo Rodor, pastor brasileiro, atualmente servindo na Associação de Ontário, no Canadá. E, desta vez, o tema abordado foi “O pastor e a Bíblia – revelação, inspiração e interpretação”.

Conteúdo rico

Depois da mensagem devocional, apresentada pelo Pastor Rubens Lessa, redator-chefe da Casa Publicadora Brasileira, o Dr. Amin assumiu a direção das aulas, divididas em quatro períodos, de manhã e à tarde, com intervalo para um almoço de confraternização num confortável hotel da capital federal.



Parte do público: atenção máxima



Secretárias da Divisão Sul-Americana: atendimento de primeira

gio e a responsabilidade de empunhar a Palavra da verdade”, iniciou o conferencista, referindo-se à Bíblia, acrescentando que “as duas maiores obrigações do pastor é ensinar e pregar a Bíblia.”

No transcorrer da sua exposição, o Dr. Amin insistiu em mostrar as Sagradas Escrituras como aquilo que realmente é: a Palavra de Deus escrita, poderosa e eficaz.



Pastor José M. Viana

Discorreu sobre a dinâmica do processo revelação-inspiração-interpretção, destacando a necessidade de se considerar o contexto, evitando assim as atitudes extremistas, fanáticas e excêntricas. É justamente esse cuidado que ajuda a eliminar muitas dúvidas relacionadas com os chamados textos difíceis da Escritura. Mesmo as supostas discrepâncias científicas devem ser estudadas dentro do contexto histórico e cultural das afirmações feitas. “Precisão científica absoluta não prova a inspiração da Bíblia”, disse o visitante.

O que importa, realmente, é a permanência e a inviolabilidade da mensagem central das Escrituras, que é Cristo, Sua salvação oferecida ao homem e Seu retorno em glória, para restauração do mundo a Seu plano original de perfeição.

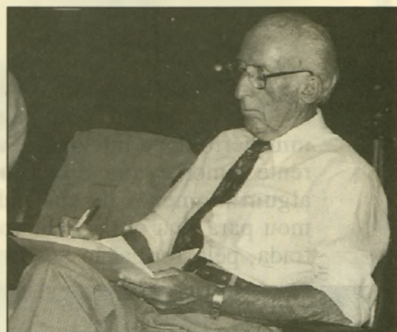
Apesar dos cuidados técnicos, necessários ao estudo da Bíblia, a ênfase maior ficou para a dependência do Espírito: “A Palavra sem o Espírito é letra morta. O Espírito sem a Palavra é um estranho”, garantiu o Dr. Amin.

“Num mundo que mente na política, nas questões sociais, em relação ao sexo, à família e tudo o mais, o pastor tem o privilégio

Impressão positiva

A realização desse seminário cumpriu seu objetivo de mostrar uma imagem positiva da Igreja Adventista e seu ministério, entre os participantes. Embora cuidadosa em sua avaliação, a Professora Marisa Lemos Souto, diretora de Educação da Convenção Batista do Distrito Federal, declarou-se satisfeita com o que sentiu, ouviu e viu. “Sei que a Igreja Adventista deve ter algum objetivo específico ao nos convidar para um encontro dessa natureza; no mínimo, promover a revista

Ministério. Mas não posso deixar de reconhecer a altíssima qualidade e profundidade do conteúdo bíblico apresentado. Realmente, foi algo fantástico”, ela disse, tendo a concordância da Professora Merita Oliveira, da segunda igreja batista do Plano Piloto.



Pastor José Bessa: jubilado, ativo e atento

O Pastor Onésimo Barbosa, da igreja presbiteriana independente central, de Brasília, também afirmou ter ficado “surpreso com o convite” para o seminário. “No entanto”, afirmou, “não tenho restrições a nada que ouvi. Concordo plenamente com o que foi apresentado, e até acho que a partir desta visão da Bíblia, podemos crescer juntos em sua compreensão.” Já o Pastor Valcir Fernandes Canto, da Assembléia de Deus, destacou o aspecto da unidade ministerial, que um seminário assim pode proporcionar. “Necessitamos disso”, enfatizou.

Única pastora entre o grupo, Celi Gomes de Santi, da Igreja Luz da Vida, resumiu suas impressões sobre o seminário, com uma avaliação didática: “nota dez.”



Participação dinâmica: característica do seminário

Prioridades ministeriais

DANIEL SOSA

Pastor da igreja adventista de Harlingen,
Texas, EUA

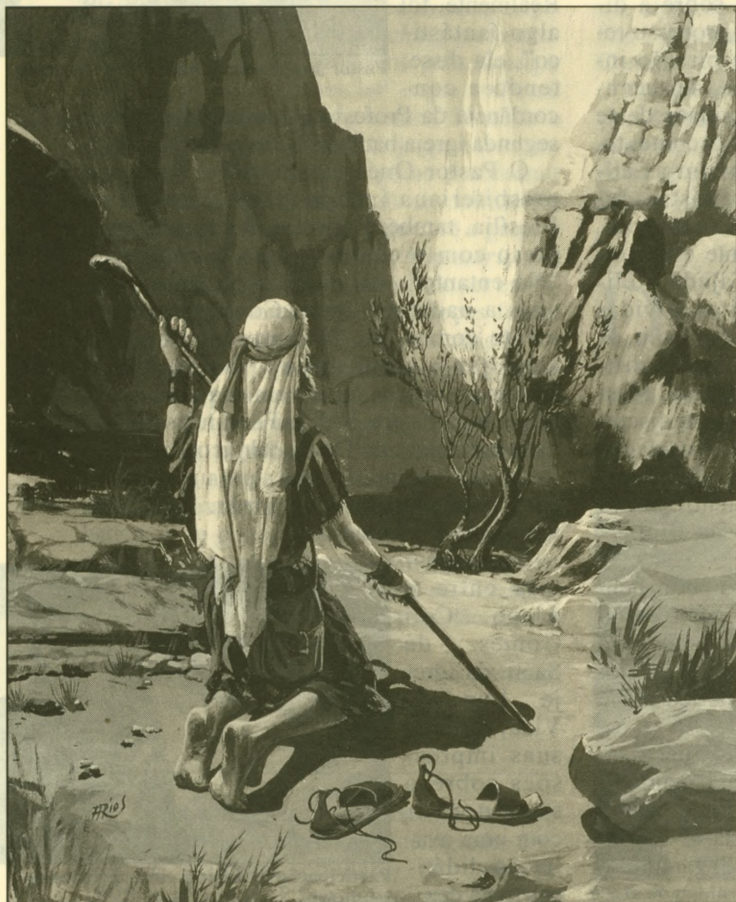
A obra de um ministro é sagrada e, por isso mesmo, qualquer que aspire ao ministério deve integrar-se a ele com reverente temor e com a segurança de que em algum momento de sua vida Deus o chamou para Sua obra. Pela vocação demonstrada, pela formação acadêmica e pela ex-

periência adquirida, pode-se dizer que “o pastor nasce e se faz”.

Deus tem chamado homens em diferentes formas e circunstâncias. A Moisés chamou em meio a uma sarça que ardia sem se consumir: “Vendo o Senhor que ele se voltava para ver, Deus, do meio da sarça, o chamou, e disse: Moisés, Moisés! Ele respondeu: Eis-me aqui”. (Êxodo 3:4)

O caso de Gideão foi diferente. O chamado aconteceu enquanto ele trabalhava: “Então veio o Anjo do Senhor, e assentou-se debaixo do carvalho, que está em Ofra, que pertencia a Joás, abiezrita; e Gideão, seu filho, estava malhando o trigo no lagar, para o pôr a salvo dos midianitas. Então o Anjo do Senhor lhe apareceu, e lhe disse: O Senhor é contigo, homem valente.” (Juízes 6:11 e 12).

Samuel foi chamado quando ainda era uma criança: “E tendo-se deitado também Samuel, no templo do Senhor, em que estava a arca, antes que a lâmpada de Deus se apagasse, o Senhor chamou o menino: Samuel, Samuel. Este respondeu: Eis-me aqui.” (1 Sam. 3:3 e 4). E Jeremias foi escolhido ainda no ventre materno: “Antes que Eu te formasse no ventre materno, Eu te conheci, e antes que saíesses da madre, te consagrei e te constituí profeta às nações.” (Jer. 1:5).



Antônio Rios

O próprio Jesus chamou a Pedro e seu irmão André: “Caminhando junto ao mar da Galiléia, viu os irmãos Simão e André, que lançavam a rede ao mar, porque eram pescadores. Disse-lhes Jesus: Vinde após Mim, e Eu vos farei pescadores de homens. Então eles deixaram imediatamente as redes, e O seguiram.” (Mar. 1:16 a 18).

A importância do trabalho

A tarefa pastoral é solene e muito importante. Diz Ellen White: “A maior obra, o esforço mais nobre a que podem dedicar-se os homens, é mostrar o Cordeiro de Deus aos pecadores. Os verdadeiros ministros são colaboradores do Senhor no cumprimento de Seus propósitos.

“O ministro ocupa em face do povo, o lugar de porta-voz de Deus, e tem de representar o Senhor em pensamento, palavra e ação.

“Há, na experiência dos apóstolos, lições que nos convém aprender. Esses homens eram como o aço em sua fidelidade ao princípio. Eram homens incapazes de falhar, ou de desanimar-se. Eram cheios de reverência e zelo para com Deus, de nobres desígnios e aspirações. ... Obreiros dessa qualidade são hoje necessários, homens que se consagram sem reservas à obra de apresentar o reino de Deus a um mundo que jaz em pecado.” – *Obreiros Evangélicos*, págs. 20 a 25.

O trabalho ministerial é mais que o exercício de uma profissão comum, é uma missão sagrada, designada por Deus a uma pessoa. No tempo do antigo Israel, Deus designou Arão e seus filhos que eram da tribo de Levi. Nos dias da Igreja cristã primitiva, os apóstolos foram chamados *doulos*, que significa servos ou escravos. Na atualidade, os verdadeiros pastores continuam sendo servos de Deus, a quem entregaram voluntariamente a vida e de quem aceitaram a missão.

As prioridades

O dilema de um ministro é programar e valorizar suas atividades de acordo com uma sábia definição das prioridades. A



tendência geral é dedicar mais tempo aos programas do que à missão da Igreja. Os ministros, particularmente os mais jovens, podem passar todo o ano servindo à igreja, e no entanto servindo pouco a Deus. Alguém disse que “é possível trabalhar-se na vinha do Senhor e esquecer-se do Senhor da vinha”. Portanto, é importante que o pastor saiba valorizar e avaliar seu trabalho de acordo com uma sábia escala de prioridades. Quais são, em essência, tais prioridades?

Quando Jesus chamou a Seus discípulos, o fez para que desempenhassem duas funções primordiais, ainda que não fossem as únicas. Fala o evangelista Marcos: “Depois subiu ao monte e chamou os que Ele mesmo quis, e vieram para junto dEle. Então designou doze para estarem com Ele e para os enviar a pregar” (Mar. 3:13 e 14).

Poderíamos dizer que Jesus divide o trabalho do ministro em prioridades internas e externas, isto é, aquelas que têm a ver com sua relação pessoal com Deus e a fa-

mília, e aquelas que se relacionam com a Igreja e o mundo exterior.

A frase “para estarem com Ele” é de grande significado e de aplicação abarcante. Relaciona-se com a vida íntima do obreiro, sua relação vertical e horizontal com Deus. Daí a necessidade de refletir neste conselho: “Consagrai-vos a Deus pela manhã; fazei disso vossa primeira tarefa. Seja vossa oração: ‘Toma-me Se-

nhor, para ser inteiramente Teu. Aos Teus pés deponho todos os meus projetos. Usa-me hoje em Teu serviço. Permanece comigo, e permite que toda a minha obra se faça em Ti.” – *Caminho a Cristo*, pág. 70.

Inserida na prioridade interna encontra-se também a preparação física, intelectual, emocional e psicológica do obreiro. Um fator que não pode ser passado por alto é a relação do pastor com sua família. De fato, todos sabemos que o êxito ou fracasso de um ministro dependem muito de seu relacionamento com o lar e a vida familiar. Paulo afirma: “Fiel é a Palavra: Se alguém aspira ao episcopado, excelente obra almeja. É necessário, portanto, que o bispo seja irrepreensível, esposo de uma só mulher, temperante, sóbrio, modesto, hospitaleiro, apto para ensinar; não dado ao vinho, não violento, porém cordato, inimigo de contendas, não avarento, e que governe bem a sua própria casa, criando os filhos sob disciplina, com todo respeito (pois se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará da igreja de Deus?” (I Tim. 3:1 a 5).

Como bem o disse Ellen White, “coisa alguma pode desculpar o pastor de negligenciar o círculo interior, pelo mais amplo círculo externo. O bem-estar espiritual de sua família, vem em primeiro lugar. No dia do final ajuste de contas, Deus há de perguntar que fez ele para atrair para Cristo aqueles que tomou a responsabilidade de trazer ao mundo. O grande bem, feito a outros, não pode cancelar o débito que ele tem para com Deus, quanto a cuidar dos próprios filhos. Deve haver na família do pastor uma unidade que pregue um sermão efi-

caz sobre a piedade prática”. – *Obreiros Evangélicos*, pág. 204.

A esposa do pastor também tem prioridades, de acordo com seu próprio papel. Ainda que, na atualidade, ela ocupe muito tempo em trabalhos fora do lar, e ajude em várias atividades da igreja conforme os dons que recebeu, o primeiro campo missionário da esposa do pastor é seu próprio lar. “O marido, em

“Coisa alguma pode desculpar o pastor de negligenciar o círculo interno, pelo mais amplo círculo externo. O bem-estar espiritual de sua família vem em primeiro lugar.”

pleno campo missionário, pode receber a honra dos homens, ao passo que a lidadora do lar talvez não receba nenhum louvor terrestre por seus labores; mas, em ela trabalhando o melhor possível pelos interesses de sua família, buscando moldar-lhes o caráter segundo o Modelo divino, o anjo relator escreve-lhe o nome como o de um dos maiores missionários do mundo.” – *Idem*, pág. 203.

A expressão de Jesus Cristo, “para os enviar a pregar”, define a maior prioridade externa do ministro e está ligada à missão da Igreja. Os programas e atividades gerais devem ser meios para o cumprimento dessa missão. “Os ministros de Deus devem chegar a um íntimo companheirismo com Cristo, e seguir Seu exemplo em todas as coisas. ... Ganhar almas para o reino de Deus precisa ser sua primeira preocupação.” – *Idem*, pág. 31.

Quando o ministro ocupa seu tempo com questões menores, que podem ser resolvidas pelos oficiais, certamente não está cumprindo seu verdadeiro papel missionário, e um dia Deus lhe pedirá contas do seu trabalho. “Apascenta Minhas ovelhas” foi a ordem de Cristo a Pedro (João 21:15 a 17). Se um ministro não ganha almas e nem realiza visitas pastorais, ele mesmo acabará desanimado.

Semelhantemente, a igreja que se ocupa de muitas coisas, mas não faz evangelismo, não cresce e está destinada a morrer. O escritor Jesse Bader afirmou: “O evangelismo não somente é o único negócio da Igreja, mas o primeiro e o que Jesus Cristo colocou em primeiro lugar. É melhor que sua igreja

não se atreva a pô-lo em segundo. Evangelizar não é uma opção. É um imperativo divino. A igreja deve evangelizar ou perecer. Não há outra alternativa. A obra de evangelizar é a maior tarefa do mundo. O que a primavera é para a terra, o que a luz do Sol é para as flores, o que o barco salva-vidas é para o naufrago, assim é o evangelismo para um mundo em pecado.”

Pastor e administrador

A obra pastoral de um ministro também é um imperativo divino. Cristo referiu-se a essa atividade como uma evidência e prova de amor: “Pela terceira vez Jesus lhe perguntou: Simão, filho de João, tu Me amas? Pedro entristeceu-se por ele lhe ter dito pela terceira vez: tu Me amas: E respondeu-lhe: Senhor, Tu sabes todas as coisas, Tu sabes que eu Te amo. Jesus lhe disse: Apascenta as Minhas ovelhas.” (João 21:17).

O pastor deve levar muito a sério o programa diário de visitação. Deve planejar essa atividade numa base diária, semanal e mensal a fim de conseguir objetivos definidos nos lares dos membros. “O verdadeiro pastor terá interesse em tudo quanto diz res-

peito ao bem-estar do rebanho, alimentando-o, guiando-o e defendendo-o.

Havendo o ministro apresentado a mensagem evangélica do púlpito, sua obra está apenas iniciada. Resta-lhe fazer o trabalho pessoal. Cumpre-lhe visitar o povo em casa, conversando e orando com eles em fervor e humildade.” – *Idem*, págs. 190 e 187.

Mas o pastor também é um líder e administrador. Deus o chamou para dirigir Sua Igreja e fazê-la triunfar. Sua maquinaria eclesiástica, lubrificada pelo Espírito Santo, deve avançar impulsionada por dois grandes objetivos: pregar o evangelho a um mundo perdido e preparar um povo para o encontro com Deus.

O pastor administra tudo o que se relaciona à informação eclesiástica e recursos financeiros; executa planos de ação das organizações superiores e seus próprios planos. Como dirigente, preside a comissão da igreja local, reuniões administrativas; supervisiona o funcionamento dos diversos departamentos, secretaria e tesouraria; promove a Mordomia Cristã, entre outras tarefas.

Como presidente da comissão, o pastor deve conhecer os procedimentos parlamentares e submeter-se a eles, não esquecendo de que a Igreja vale-se do sistema democrático-representativo ao nomear seus oficiais. Ele é responsável por criar um clima de boa disposição e unidade entre os membros de uma comissão. Uma boa forma de conseguir isso é fazer sempre uma curta meditação bíblica, antes de abordar qualquer assunto.

A primeira pessoa que deve manifestar domínio próprio e um espírito equânime é o pastor. Deve respeitar as opiniões dos irmãos e, ao mesmo tempo, ser firme em suas convicções. Se, por alguma razão, for perdida a harmonia e o bom espírito numa reunião, é melhor interromper os trabalhos e dedicar alguns minutos à oração. Se alguém insiste em agir desrespeitosamente, tentando impor suas idéias e criando um ambiente tenso e desagradável, o pastor deve falar com essa pessoa, aconselhando-a a mudar de atitude ou deixar de assistir às reuniões da comissão, por algum tempo.

Um bom presidente de comissão vai sempre um pouco além dos membros, ao tratar da elaboração de planos ou busca de alternativas para algum item da agenda. Deve estar bem-informado sobre todas as



questões relacionadas com o assunto a ser tratado. Há casos ou projetos sobre os quais o pastor deve consultar aos anciãos, pessoas envolvidas e, se necessário, colegas de trabalho ou líderes do Campo, antes de estudá-los na comissão.

A comissão da igreja tem maior autoridade administrativa que o pastor. É a responsável última pelo bem-estar da igreja. Ela propõe soluções ou decisões à igreja reunida em assembleia, que dessa maneira é a maior autoridade eclesiástica local. É quase impossível fazer uma lista de todas as atividades e funções que um pastor deve desempenhar.

Pontos fracos e fortes

O pastor deve ser uma fonte de ânimo e consolo para a igreja. Por outro lado, pode também ser causa de desânimo. Isso não significa que o ministro deve condescender para agradar a todos; porém, seu desempenho pode influenciar positiva ou negativamente a igreja.

Alguns fatores que impressionam positivamente a igreja são os seguintes: que o pastor seja espiritual, tenha piedade prática sólida e constante. Deve ser ativo, diligente e organizado, bom pregador possuindo um estilo próprio, simples e profundo ao mesmo tempo. A igreja deseja que a pregação seja positiva, bíblica e cristocêntrica. Os membros se sentem bem quando o pastor os leva em conta, estando com eles em momentos de crise, demonstra imparcialidade, tolerância e senso de justiça. Querem que o pastor seja alegre e saiba conviver com crianças e jovens numa atmosfera feliz e de respeito. Os jovens querem que o pastor seja seu amigo e confidente.

A igreja fica satisfeita quando o pastor organiza suas atividades missionárias, campanhas e programas especiais. O pastor que ensina, capacita e delega responsabilidades tem maior possibilidade de êxito que o autoritário. Há muito trabalho que os membros, bem organizados, podem realizar.

Outros fatores positivos do pastor são o cuidado da saúde, das finanças. Sua atuação pessoal, da esposa e filhos também é levada em conta. O bom gosto e propriedade no vestir, especialmente quando se apresenta em público, contribuem decisivamente para o sucesso do pastor.

Alguns pontos negativos são: ausência

em momentos de crise. Há momentos em que a igreja, as famílias ou os membros individualmente, esperam a presença do pastor. Se está ausente quando sua presença é mais necessária, a igreja perde sua confiança nele. É lamentável que no momento de iniciar um programa especial, e tudo está pronto, incluindo a presença a tempo de todos os participantes, ninguém saiba onde está o pastor. Quando isso acontece em casamentos, funerais ou visita a enfermos, estudos bíblicos e outras atividades pastorais, o pastor deixa de ser útil.

Uma fraqueza que nenhum pastor de êxito pode permitir-se e que diminui gravemente sua influência sobre a igreja é a inconsistência demonstrada na falta de capacidade para concluir um projeto, plano de trabalho, uma campanha ou estudo bíblico. Deixar as coisas pela metade é uma falta muito comum que afeta a utilidade do pastor.

Os membros da igreja ficam desalentados espiritualmente quando o pastor carece de domínio próprio, facilmente se irrita e é vingativo. Pior ainda, quando não reconhece seus erros e é incapaz de pedir perdão, em público ou em particular. Desagrada também à igreja se ele fala mal do pastor anterior, de outros colegas e líderes em geral. Não há nada que afete mais negativamente a comunidade do que as faltas morais: indiscrição sexual, falta de honestidade, mentira, palavras torpes e vulgares.

Em suma, o pastor pode e deve ser um elemento de força espiritual, moral e social para a igreja. Deve ser um fator de crescimento espiritual e numérico, mas pode ser também uma pedra de tropeço e atrasar a obra de Deus, se não cumprir seu ministério e for desleal para com sua família e a Igreja.

Quanto mais perto estivermos do fim do mundo, maior é a nossa responsabilidade como ministros de Deus. Se Cristo estiver em primeiro lugar, o senso de dependência dEle será para o pastor, o mesmo que levou Paulo a perguntar-se: "Quem, porém, é suficiente para estas coisas?" (II Cor. 2:16); e ao mesmo tempo responder: "... nossa suficiência vem de Deus, o qual nos habilitou para sermos ministros de uma nova aliança" (II Cor. 3:5 e 6).

Brevemente, o obreiro que permanecer fiel à sua fé e ao chamamento divino, ouvirá a voz do Pastor dos pastores, dizendo-lhe: "Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei: entra no gozo do teu senhor." (Mat. 25:21).

Cristo e as mulheres

JEAN CAZEAUX

Durante milênios – e até mesmo em nossos dias – as mulheres foram consideradas pelos homens como seres dependentes, destinados a viver sob sua tutela e autoridade. Em certas épocas, como durante o Império Romano ou uma parte da Idade Média, a mulher conheceu certa emancipação. Mas desde a Renascença até o século passado, nossa sociedade prestigiou a razão, a ciência, a técnica, a eficiência e o lucro, isto é, o mundo das coisas às quais o homem parece mais sensível, em detrimento da afetividade, da sensibilidade e do relacionamento pessoal, em que a mulher se sente mais satisfeita. Esta tem estado à mercê dos desvarios deste mundo, construído por e para o homem, e de novo ela foi considerada como dependente.

Um século depois as mulheres começaram a lutar para que cessasse toda discrimi-

nação a seu respeito, e para que ela se tornasse independente e livre. As próprias igrejas cristãs têm sido remissas nessa questão, e os teólogos estão considerando de maneira diferente os textos bíblicos o scurecidos pelos séculos de tradição, hábitos e idéias falsas. Uma das constatações importantes, que está sendo feita no decorrer das pesquisas, é o comportamento positivo de Jesus quanto às mulheres. “Observai a história”, escreve Paul Tournier, “desde o início até os tempos mais recentes; a atitude de Jesus com respeito à mulher surge completamente ímpar.”

Roger Garaudy declara, por sua vez: “O que mais me impressiona ao ler os Evangelhos, é que Jesus de Nazaré não era mulher; todavia, os valores que revelou, devolvem ao homem sua plenitude, ao desenvolver-lhe as dimensões femininas, em radical



William

oposição à ordem exclusivamente masculina de Seus tempos e de todos os tempos. ... Quarenta séculos de mando masculino, que não havia cessado de reinar, da Mesopotâmia ao Egito, ... nas cidades gregas ou no Império Romano, tudo isto é, por sua relatividade, relegado às trevas de uma pré-história desumana. Em nome dos novos valores, do amor e serviço, da plena nudez do despojamento de Si mesmo, da

incondicional falta de poder, da abertura a todos e do perdão como aposta absoluta no homem e seu futuro.”

Posteriormente, o mesmo Garaudy acrescenta estas linhas cheias de entusiasmo: “Imaginemos uma ‘feminização’ da sociedade, isto é, não a recusa ou a negação das milenares prerrogativas masculinas, mas a inenunciável vontade de construir a humanidade como um todo, e não apenas com um de seus componentes, em que privamos do benefício da outra metade, o que talvez seja retornar à sociedade cristã original: não à de uma igreja patriarcal e misógina, mas à de Jesus de Nazaré.”

Contexto judaico

Para melhor compreendermos o comportamento e as declarações liberais de Jesus, com respeito às mulheres, é importante saber qual era a condição desta na Palestina, no primeiro século da era cristã.

Os escritos rabínicos esclarecem que a mulher era considerada como um ser inferior em todos os pontos de vista. Os rabinos ensinavam que o judeu devia agradecer a Deus todos os dias por não ter nascido gentio, ignorante ou mulher. A mulher estava destinada ao fogão. Não tinha direito nem à escola, nem aos ensinamentos dos rabinos. Deus e a saúde não eram conseguidos senão por intermédio de seu pai ou de seu marido. Eram-lhe destinados os últimos lugares na sinagoga, atrás das grades. A todo instante era ameaçada pela arbitrariedade e caprichos

do marido, que podia repudiá-la. Ela era tida como irresponsável e não podia nem depor diante de um tribunal, nem herdar de seu pai ou de seu marido.

Embora a mulher não fosse considerada senão de acordo com o seu papel social de filha, esposa e mãe, além do qual ela não existia, Jesus Se empenhou em realçar sua dignidade como pessoa.

Como os rabinos de Sua época, Jesus ensinou por meio de máximas e parábolas. Os inumeráveis provérbios dos doutores da lei são desdenhosos ao se referirem às mulheres. Em suas parábolas elas raramente aparecem, e em geral em cir-

cunstâncias desfavoráveis, como seres de segunda categoria.

Em contraposição – e isto é significativo – Jesus fala seguidamente sobre as mulheres, em Sua pregação. Ele as menciona fartamente em Suas parábolas, e as lições que tira de sua vida e de seus problemas atestam de Sua compreensão e simpatia para com elas (ver Luc. 13:20; 15:8 a 10; Mat. 25:1 a 13; Luc. 18:1 a 8; Mar. 12:43 e 44; Mat. 21:28 a 32; 24:41; 22:23 a 33; João 16:20 a 22). Para Jesus, a mulher é um ser humano igual ao homem em todos os sentidos.

Derrubando barreiras

Interrogado sobre o divórcio, pelos fariseus, Jesus denunciou a prática da carta de repúdio, reservada só ao marido e vedada à defesa da mulher e sua dignidade. Jesus obrigou Seus interlocutores a reconhecerem que Moisés não deu um preceito sobre o divórcio, mas fez uma concessão. Dessa forma, não pode o homem livrar-se de sua mulher como se fora um objeto qualquer que lhe pertence; o casamento é a união de duas pessoas de igual dignidade. As palavras de Jesus (Mat. 19:1 a 9) são de tal modo contrastantes com aquela época, que os apóstolos, que eram homens, ficaram perplexos (v. 10).

Embora a mulher não fosse considerada senão de acordo com o seu papel social de filha, esposa e mãe, além do que ela não existia, Jesus Se empenhou em realçar sua dignidade como pessoa. Um dia, durante um sermão proferido pelo Mestre, uma

mulher exclamou: "Bem-aventurado o ventre que Te trouxe e os seios em que mamaste." Para aquela mulher, ser a mãe de um grande homem era a suprema aspiração. Jesus reagiu contra esta mentalidade, e respondeu: "Antes bem-aventurados os que ouvem a Palavra de Deus e a guardam." (Luc. 11:27 e 28). Ele pensava em todos os Seus ouvintes, homens e mulheres, nos quais reconhecia igual dignidade espiritual e intelectual. A Seu ver, todos são pessoas, capazes de existir, independentemente do sexo.

Jesus operou muitos milagres em favor das mulheres, e Sua atitude se choca inteiramente com o comportamento negativista dos rabinos. Ele tomava pela mão a mulheres doentes (Mar. 1:29 a 31) ou lhes impunha as mãos (Luc. 10:13). Num dia de sábado, numa sinagoga, Ele curou uma mulher que andava encurvada havia 18 anos (Luc. 13:10 a 17). Diante da indignação do chefe da sinagoga, que viu na cura uma violação do sábado, Jesus respondeu que aquela mulher era uma filha de Abraão. Conferiu-lhe, assim, sua dignidade de pessoa. Derribou ainda outra barreira que separava dos homens as mulheres, ao curar uma mulher que tinha uma hemorragia havia 12 anos (Mar. 5:25 a 34). Por causa do tabu do sangue, ela era considerada impura, e, portanto, marginalizada. Jesus não só a curou, mas atraiu para ela a atenção da multidão. Ela estava livre de sua enfermidade, como também de sua alienação religiosa e social.

Os samaritanos eram tidos como inimigos e impuros, mas, segundo a Mishna, as samaritanas eram, além disso, tidas como menstruadas desde o berço. No caso da samaritana a quem Jesus pediu água para beber (João 4:27 e 28), sua impureza se transmitia a seu cântaro. Os rabinos deviam evitar as mulheres e se abster de falar com elas na rua. Jesus, para espanto de Seus discípulos, dirigiu-lhe a palavra. Afinal, aquela mulher tivera vários maridos e era considerada uma pecadora! Cristo lançou por terra todas as barreiras, atrás das quais os rabinos encerravam as mulheres. Mesmo àquela samaritana, revelou pela primeira vez que Ele era o Messias (João 4:25 e 26).

Repetidas vezes Jesus reabilitou as prostitutas. Quando tomava uma refeição em casa de um fariseu, uma prostituta veio lavar-Lhe os pés (Luc. 7:36 a 50). Jesus tratou aquela

mulher como uma pessoa explorada e utilizada como um objeto sensual. Mostrou ao Seu anfitrião que, perdoada e agradecida, ela estava mais perto de Deus do que ele.

A última barreira derribada por Jesus foi a da privação do conhecimento. Os rabinos diziam: "Aquele que ensinar a lei a sua filha, ensina-a a faltar com seus deveres"; e, "é melhor desobedecer à Tora que ensinar às mulheres." Para Jesus, porém, a mulher não era um subproduto da humanidade. Maria preferiu ouvir os ensinamentos de Jesus quando Ele veio ao seu lar e de sua irmã Marta. Esta pediu ao Mestre que lhe lembrasse seu papel e seus deveres domésticos, mas Jesus lhe respondeu que Maria escolhera a boa parte, a qual não lhe seria tirada (Luc. 10:42).

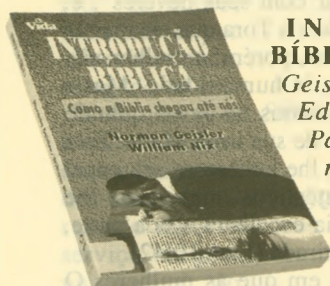
Jesus concordou em que as mulheres O servissem (Luc. 8:2 e 3), o que constituiu uma atitude sem precedentes naquela época. Elas foram testemunhas de Sua crucificação e de Seu sepultamento, e foram escolhidas antes dos apóstolos para serem testemunhas de Sua ressurreição. Isto mostra que elas, daí em diante, faziam parte da Revelação, sem intermediários.

Nem macho nem fêmea

Diante de tudo o que foi anteriormente apresentado, impõe-se uma pergunta: por que Jesus não foi mais adiante, e não confiou às mulheres, da mesma forma que aos homens, o ministério regular da pregação? O teólogo J. M. Aubert dá uma resposta que parece satisfatória: "Para todo projeto revolucionário, não-violento, como foi o de Cristo, existe um limite além do qual o projeto não tem possibilidade de ser acolhido, sob pena de poderem ser grandes os preconceitos, as indagações dos meios que ele pretende atingir."

Como intérprete qualificado da vontade de Deus, Jesus, por Suas palavras e atos reabilitou as mulheres e colocou no mesmo nível que os homens — em sua dignidade total. Ele foi muito além do que Lhe permitiam os costumes da época, em Sua proclamação de igualdade do homem e da mulher. Também o apóstolo Paulo, contrariando a oração cotidiana dos judeus, mencionada no início deste artigo, escreveu o seguinte: "Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus." Gál. 3:28.

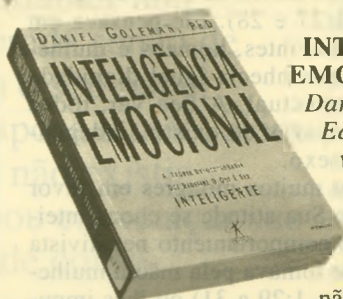
BIBLIOTECA DO PASTOR



**INTRODUÇÃO
BÍBLICA** – Norman
Geisler e William Nix,
Editora Vida, São
Paulo, SP; 253 pági-
nas.

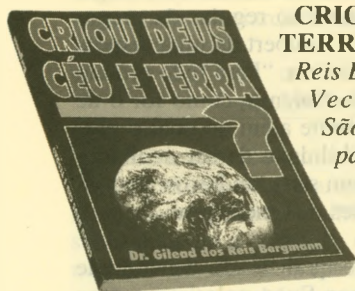
Com simplicidade e clareza, os autores desta obra discutem os seguintes aspectos, dentre outros: a inspiração, o cânon bíblico, os principais manuscritos, a crítica textual, as traduções mais antigas e as versões modernas. À medida que vão cobrindo todo o campo, da introdução ao estudo da Bíblia, encontram-se por todas as páginas do livro explicações cuidadosas dos pontos mais significativos.

É um livro ideal para ser utilizado em seminários, institutos bíblicos, estudo em grupo e pessoal.



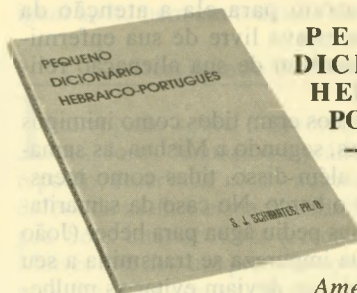
**INTELIGÊNCIA
EMOCIONAL** –
Daniel Goleman,
Editora Objeti-
va, Rio de Ja-
neiro, RJ;
325 pági-
nas.

Um alto QI não é garantia de sucesso. A emoção pode dar a verdadeira medida da inteligência humana. A ausência de habilidade emocional pode ser o verdadeiro motivo de tantos casamentos desfeitos. Em *Inteligência Emocional*, o psicólogo e jornalista Daniel Goleman expõe essas questões polêmicas, por meio de intrigante viagem pelos labirintos da mente humana. É uma obra brilhante que apresenta revelações surpreendentes para todos os que ainda acreditam na ditadura da razão. Trata das grandes questões da mente humana com argúcia e profundidade.



**CRIOU DEUS CÉU E
TERRA?** – Gilead dos
Reis Bergmann, Editora
Vector Type, Ltda.,
São Paulo, SP; 170
páginas.

A teoria da evolução parece responder todas as perguntas a respeito do surgimento do planeta Terra, e da vida que nele existe. Contudo, para o observador atento, suas propostas não respondem satisfatoriamente às grandes questões humanas. Este livro é fruto de intensa pesquisa e análise criteriosa. Fundamentado em dados científicos, sem preconceitos, tem como objetivo conduzir a mente inquiridora a fatos que evidenciam a ação divina na criação do Universo. *Criou Deus Céu e Terra?* é indispensável para quem quer saber mais, e orientar com segurança.



**PEQUENO
DICIONÁRIO
HEBRAICO-
PORTUGUÊS**
– Siegfried J.
Schwantes,
Seminário
Adventista
Latino-
Americano de
Teologia (IAE), Engenheiro
Coelho, SP; 148 páginas.

Este dicionário contém praticamente todos os termos empregados no texto hebraico do Velho Testamento. Seu uso pressupõe um conhecimento adequado da gramática hebraica e particularmente do sistema verbal, por parte do usuário. Foi elaborado pelo teólogo adventista do sétimo dia, Siegfried J. Schwantes, Ph.D., tendo como base o Dicionário Hebraico-Alemão, de Genesisius-Buhl. A simplificação da obra em nada dificulta o objetivo de auxiliar o pesquisador na tradução do texto bíblico.